

MAGRU FLORIANO

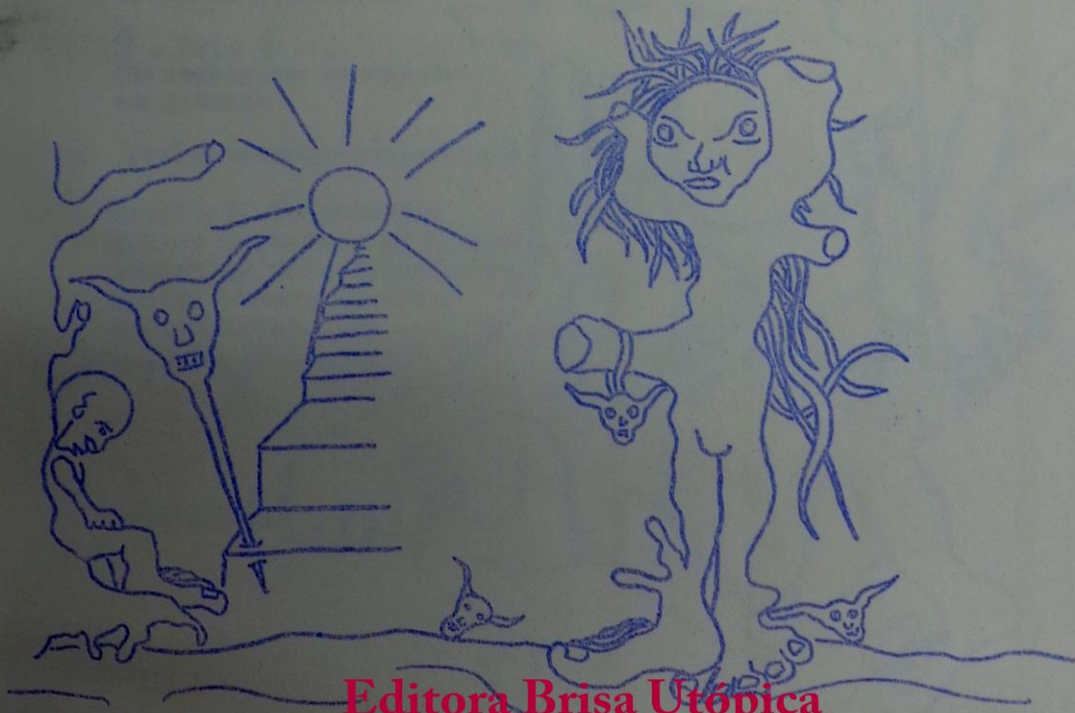
PROBLEMA ECOLÓGICO É COISA DE CIDADE GRANDE (?)

Tomamos conhecimento diariamente através dos jornais, televisão e rádios de várias catástrofes ecológicas - que atualmente estão a assolar o país e o mundo. Mas, o interessante é que quando escutamos alguma notícia sobre rios e praças poluídas, voltamos sempre o nosso pensamento para as grandes cidades. Nunca, ao tomarmos conhecimento de tais arbitrariedades junto à natureza, colocamos a nos- sa visão voltada para o lado da poluição Itajai-açu, dos nossos morros, da nossa fauna e flora, do nosso ar. Não - temos consciência, por fim, de que o rio Ita- jai-açu está poluído pelas indústrias madeireiras localiza- das acima de Blumenau; de que o morro da cruz está sendo cortado indiscriminadamente, assim como todos os morros - que se localizam na faixa Itajai-Camboriu, servindo para construções de loteamentos mesquinhos que não passam de a- repaças imobiliárias de que faz anos muitos anos que não existe mais pessoas que se lembram de nossa cidade. Povos do Itajai, quem trabalha o problema de cidade grande e as angústias de ser o rio Itajai-açu. A água suje do rio Itajai-açu?

nos povos, dentro da natureza dos rios, montes e va- les temos a obrigação de ser o futuro contra a ex- ploração capitalista dos nossos recursos naturais. Temos de nos conscientizar de que não há dinheiro no mundo que nos compre um novo morro da cruz ou um rio Itajai-açu.

****PIA-MATER-PIA-MATER-PIA-MATER-PIA-MATER-PIA-MATER****

textos publicados na imprensa



Editora Brisa Utopica

MAGRU FLORIANO

SÉRIE ENSAIOS
Volume 4

ARTIGOS & CRÔNICAS
Trabalhos Publicados na Imprensa

BRISA UTÓPICA
ITAJAÍ - 2004.

APRESENTAÇÃO

Resolvi reunir boa parte dos meus trabalhos que estavam esparsos em uma coleção que denominei de ENSAIOS. No primeiro volume reuni os trabalhos confeccionados até 2004 sobre *Literatura*; no segundo volume, reuni os trabalhos sobre *Meios de Comunicação*; no terceiro, sobre *Sociologia*; neste quarto volume estou reunindo *Artigos, Crônicas e Editoriais*. Trabalhos diversos que foram publicados ao longo dos anos em diversos órgãos de imprensa, lidos em programas de rádio e colocados em sites na Internet.

O texto *A Política Como Fundamento da Paz Social*, por exemplo, foi feito sob encomenda para ser lido em um programa educativo que a Rádio Univali FM estava apresentando durante as eleições de 2000. Já o texto *Férias de Verão: um piquenique inesquecível*, foi feito a pedido da redação de Itajaí do Jornal de Santa Catarina, para o Suplemento Cidade de Itajaí.

O texto intitulado *Daslu* fez parte de uma série de trabalhos que confeccionei como crônica semanal a ser lida no programa mantido por Aldo Pires de Godoy na Rádio Difusora de Itajaí. Já o texto *Direitos e Privilégios*, por exemplo, fez parte de uma série que escrevi para o programa radiofônico *O Sábado É Nosso*, que eu e o advogado Fernando Fernandes mantivemos por breve período na Rádio Difusora de Itajaí.

Alguns textos causaram grandes polêmicas na cidade, e corriqueiramente me traziam alguns dissabores. Pessoas se sentiam ofendidas com as críticas e vinham tirar satisfação. Foi o caso da crônica intitulada *Cidade de Doutores*, que apesar de não conter o nome do meu professor personagem central da história, um dia fui abordado por ele em pleno hall da reitoria da Univali. Foi um sufoco, mas não deixou de ser engraçada a maneira como o tal “doutor” vestiu a carapuça. Na época fui salvo pela intervenção de Normélio Weber, também professor da Univali e inimigo histórico do “doutor da ESG”.

Muitos trabalhos foram lidos em rádio, depois disponibilizados para os leitores no site *Itajaionline* ou no *Quer Saber?*, assim como em jornais locais, como: Caleidoscópio, Diário da Cidade, A Tribuna Itajaíense, Folha do Povo, Jornal dos Bairros, Etc & Tal, Pautas e Laudas. Não muito raro esses jornais modificavam títulos, cortavam parágrafos e tiravam frases ao bel prazer do editor (censura?). Por este motivo, considero importante resgata-los.

Boa Leitura!

SUMÁRIO

1. A ETERNA AMEAÇA
2. A ÉTICA DO ANONIMATO
3. A GRANDE REVOLUÇÃO
4. A MENTIRA CRIADORA
5. A POLÍTICA COMO FUNDAMENTO DA PAZ SOCIAL
6. A VEJA SAIU DE ÓRBITA
7. AGNOSTICISMO
8. ALTOS SALÁRIOS E TRANSPARÊNCIA
9. ANTES QUE SEJA TARDE
10. AS IRMÃS QUE VIRAM DEUS
11. CAIXOTE DE ABELHA
12. CHANTAGEM
13. CIDADÃO
14. CIDADE DE DOUTORES
15. CIÊNCIA E CRIATIVIDADE
16. COMPRA GATO, LEVA LEBRE
17. CONCENTRAÇÃO DE RENDA E ARTES
18. CONSCIÊNCIA PESADA
19. CPI DO PATRIMÔNIO PÚBLICO
20. CRITICIDADE
21. DASLU
22. DE TANCREDO A FHC
23. DIREITOS E PRIVILÉGIOS
24. ESTEIRA OU BICICLETA?
25. FÉRIAS DE VERÃO: UM PIQUENIQUE INESQUECÍVEL
26. IMPRENSA E HISTÓRIA
27. INFÂNCIA DE VERDADE
28. INTERNET COM PNEUS
29. JORNALISMO CLONADO
30. MAREJADA E PLURALIDADE CULTURAL
31. FUTEBOL, RELIGIÃO E MARKETING
32. MEU POETA
33. NAS ONDAS DO RÁDIO
34. NÓBREGA FONTES E OS FESTIVAIS DE INVERNO
35. O CRONISTA E O BOBO DA CORTE
36. O JANJA TA MAL
37. O MARINHEIRO MORREU AFOGADO
38. O MELHOR ESTÁ NA PROPAGANDA
39. O VELHO QUE NOS RENOVA
40. ONDE ESTÁ MARIA FUMAÇA?
41. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E OS RAUERT
42. PERDENDO E GANHANDO
43. PESSOAS E PALAVRAS
44. POLÍTICOS E SABONETES
45. POR QUE NÃO JOGO NA LOTERIA?
46. QUAL O NOME?
47. QUANTOS?
48. QUEM FALA?
49. SAUDADES
50. SHAKESPEARE ESTÁ NA MODA
51. SHAKESPEARE
52. VESTIBULAR.

A ÉTICA DO ANONIMATO

Ao pesquisar sobre a vida e obra dos autores itajaienses para entregar à Academia Itajaiense de Letras proposta para a edição de uma Antologia da Literatura Itajaiense, acabei me deparando com um problema quase que insolúvel: como relacionar os pseudônimos e heterônimos aos nomes verdadeiros de seus autores? Como saber quem é quem? Ou melhor, como saber quem se passou por quem?

A verdade, é uma só: o expediente do anonimato não é uma invenção dos escritores itajaienses, sequer também vem a se configurar como uma originalidade de nossos tempos. Esta história de Sujeito Oculto é antiga, e pelo jeito configurou-se como uma prática por demais eficiente, haja vista que se perpetuou ao longo dos tempos. Uns a utilizaram para fugir dos ditadores de plantão, outros para fugir da censura moral de uma sociedade recatada e muito apegada aos valores religiosos de sua época. Há quem simplesmente fugiu da crítica, e quem, por já ter nome consagrado em um estilo literário, usou de pseudônimos e heterônimos para adentrar livremente por outros estilos e gêneros literários. Teve também quem mudou de nome por questões estéticas, etcetera e tal. Quer dizer, o anonimato serviu a todos os senhores e a todas as causas indistintamente.

Jayme Fernandes Vieira, por exemplo, escreveu por longos anos na imprensa papa-siri com o pseudônimo de Zé Fumaça. Abdon Fóes e até Irineu Bornhausen fizeram o mesmo na juventude, quando escreveram jornais estudantis e humorísticos do tipo Tom Pouce e Parafuso. Eu mesmo, no tempo da ditadura utilizei pseudônimos os mais variados como Siqueira Bravo e Pedro Pedrossiam. Inventei tantos nomes para escrever na imprensa estudantil que circulava na Universidade Federal do Paraná, que nem consigo me lembrar de todos. Cada artigo era um nome diferente, um endereço diferente, uma máquina de escrever diferente... todos os artifícios eram válidos para não ser pego pelos censores.

Na história recente do jornalismo itajaiense temos o caso do engenheiro José Piccoli que assinou muitas crônicas, artigos e colunas com o enigmático nome de Tagore Sueno; Elineu Marques que assinou uma coluna no O Jornal como Mister Lee, quando todos pensavam ser um pseudônimo utilizado pelo saudoso Athayde Fernandes; José Eliomar fez do seu Timbuca uma verdadeira instituição. Na história do jornalismo Papa-siri tem até a passagem muito rápida pelas páginas do Jornal do Povo, de uma folclórica Maria do Carmo, que apimentou a vida do então prefeito Arnaldo Schmitt no seu primeiro mandato e que até hoje não teve sua identidade revelada. Quem se escondeu atrás do pseudônimo Maria do Carmo?

Na imprensa nacional os grandes nomes também utilizaram desse expediente. Machado de Assis, por exemplo, tinha os pseudônimos: Boas-Noites, Dr. Semana, Lélío, Malvólio, Platão, Souza Barradas; Olavo Bilac, assinava como: Arlequim, Belial, Brás Patife, O Diabo Coxo, Pierrô, Pif-Paf; Aluísio Azevedo assinava como: Semicúpio dos Lampiões, Acropólio, Aliz-Alaz, Asmodeu. Na literatura mundial temos o caso da inglesa Mary Ann Evans, que tentando fugir do machismo reinante no século XIX optou

por um pseudônimo de gênero masculino: George Eliot. Mesmo fenômeno que ocorreu com a francesa Amandine Dupin que utilizou o pseudônimo George Sand.

Incrível mesmo é a história do pseudônimo Victor Leal, que foi adotado, na mesma época, por nada menos do que quatro escritores de grande renome nacional: Olavo Bilac (poeta), Aluísio Azevedo (romancista), Coelho Neto (dramaturgo) e Pardal Mallet (jornalista). Enquanto que os renomados escritores argentinos Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares assinaram juntos o heterônimo de Bustos Domecq.

Até Dom Pedro I utilizou deste recurso literário para alfinetar seus opositores políticos. Usou e abusou dos nomes: Duende e Inimigo dos Marotos. E assim seguem as vidas dos Heterônimos e Pseudônimos, uns por motivos nobres, outros nem tanto. Esconder-se atrás de um nome parece fazer parte do mundo da literatura e do jornalismo. Afinal, quem sabe o nome verdadeiro de Voltaire, Aldous Huxley ou Platão?

Machado de Assis, por exemplo, assinou textos abolicionistas com o pseudônimo de Boas-Noites. Tivesse assinado seu nome oficial e teria sido preso, perseguido, perdido emprego, ou coisa que valha. Protegido pelo nome artístico, acabou dizendo tudo o que queria dizer, (e tinha direito de dizê-lo como cidadão consciente e participativo) mas não podia dizer devido as condições políticas de sua época. De certa forma, portanto, não foi Machado de Assis que criou Boas-Noites, mas a sociedade opressora que lhe tirava o direito inalienável de expressar livremente suas opiniões. Boas-Noites é filho de uma época, a época em que um cidadão não podia escrever contra a escravidão.

Desta forma podemos concluir que é lícito e até recomendável que se esconda atrás de um pseudônimo para fugir de punições óbvias, desde que a causa que move tal ação seja para o bem comum, seja de interesse público, ou na busca de um direito de cidadão que lhe foi arbitrariamente cerceado. Agora, se esconder atrás de um nome fictício para dizer inverdades, ofender pessoas, prejudicar maldosamente alguém, ou visar tão-somente ganhos pessoais, aí já é demais. Aqui em Itajaí mesmo, não são poucos os casos em que o anonimato, via nomes fictícios, serviu aos covardes...

Portanto, podemos dizer que o anonimato é ético, desde que seja utilizado no interesse público ou na luta pela defesa dos direitos elementares do cidadão. Tudo o mais é covardia e falta de decoro profissional... e viva a liberdade de expressão.

Texto baseado:

- 1) Revista Veja de Janeiro de 2000.
 - 2) Quem Escreve em Itajaí? Indicador da Literatura Itajaiense. Magru Floriano. Itajaí: Brisa Utópica, 2000 (disquete).
-

A GRANDE REVOLUÇÃO

Estamos vivendo a passagem de um milênio para outro e ao mesmo tempo vivendo os primeiros sintomas de uma Terceira Revolução Industrial. Por este motivo a palavra mudança freqüenta com desenvoltura todas as bocas, participando intimamente de todos os discursos. Mudança é a palavra da moda e, ao mesmo tempo que nos traz muitas esperanças, não deixa de nos fazer sentir reticentes, pois o futuro é sempre uma grande incógnita.

Contudo, nossas crianças já possuem um *Timing* diferente do nosso. Conseguem uma *interface* com a máquina de forma empática e intuitiva. Para nós adultos o computador parece um ser estranho, em uma realidade artificial, algo a que devemos resistir, sobre pena de perdermos nossa humanidade.

Muitos adultos acabam se sentindo verdadeiros revolucionários lutando contra a máquina, vêem-se como Che Guevaras da Terceira Revolução Industrial, e por isso resistem, resistem em nome da humanidade, esquecendo que seus filhos já estreitaram laços fraternos com a máquina a tal ponto de não poder mais haver retrocesso. Nossa geração acaba trazendo a luta emblemática entre o computador IBM *Deep blue* e o enxadrista campeoníssimo Gary Kasparov, para o seu dia-a-dia, como se estivéssemos realmente em uma guerra, fazendo das trincheiras nossas moradas. Contudo, sabemos tratar-se de uma guerra inútil, como o fora na Primeira Revolução Industrial o movimento Ludita na Inglaterra, onde os trabalhadores quebravam as máquinas por ver nelas o fruto de sua desgraça.

Nesta guerra entre as novas tecnologias e a humanidade, o que pensar sobre o fato de nossas crianças terem estreitado laços de amizade com o computador? Foram ingênuas ou competentes? Entendo que nossas crianças foram competentes. Fizeram o que os adultos não foram capazes de fazer por puro medo ou incapacidade total de pensar o futuro e conviver sadiamente com o processo de mudança.

Por este motivo é que podemos afirmar categoricamente: a grande revolução não se deu pela invenção do computador mas, pela mediação política entre homem-máquina que os jovens promoveram. Esta mediação deu-se de tal forma que a humanidade logrou preservar-se intacta neste processo de transição para um mundo informatizado, virtual. Basta nossa geração passar e os jovens, logo ali na frente, dirão sorridentes e vitoriosos: "Conseguimos, apesar de *Deep Blue* a máquina não nos venceu!".

VIVA A JUVENTUDE . ELA ESTÁ CONSTRUINDO O NOSSO FUTURO! E constrói essa magnífica obra, jogando videogame no computador. Pode um negócio desse? Vá entender o mundo de hoje....

A MENTIRA CRIADORA

A mentira é de tal importância para a sociedade que a família se incube pessoalmente de ensinar para a criança como se "mente socialmente". Este é um assunto considerado tão vital para o mundo moderno que é o único tema que a família não transfere responsabilidade para a escola. E olha que ela já transferiu outros temas tabus, como é o caso da educação sexual, ou a orientação profissional, antes escolha pessoal do "chefe de família".

Apesar do senso comum estabelecer que é pecado mentir, e que as pessoas que mentem possuem um desvio de caráter, a mentira é socialmente útil. E para provar o que digo, vou relatar brevemente dois casos que ocorreram aqui na região, onde fica evidente que a mentira acabou criando a realidade.

Juventino Linhares em uma das crônicas incluídas no livro *O Que a Memória Guardou* conta a história da mentira ocorrida em 1913 sobre a Festa de Passos. Relata Juventino, que no início do século quando chegava o Domingo de Passos todos os habitantes da região seguiam em romaria para as cidades de Porto Belo e/ou Florianópolis, centros promotores da afamada e concorrida Festa de Passos. A cidade de Itajaí ficava vazia, porque as famílias promoviam grande romaria, utilizando qualquer meio de transporte, como: rebocadores, lanchas, barcos, carros, carroças, cavalo e até mesmo a pé.

Acontece que naquele ano de 1913 a imprensa acabou publicando boato mentiroso dando conta de que seria feita uma festa no Domingo de Passos também na localidade, não necessitando portanto que os católicos da região fossem até Porto Belo ou Florianópolis. Não só os itajaienses não viajaram, como um número muito grande de moradores das regiões mais afastadas vieram para Itajaí naquele Domingo. A mentira trouxe muitos transtornos mas confirmou a viabilidade de uma festa que anos após a guerra acabou sendo realmente realizada, e com muito sucesso.

A Segunda armação foi aquela montada com a ajuda do Osmar Nunes Filho, sobre uma tal praia de nudismo em Balneário Camboriú. "Mazoca" era secretário de turismo da Prefeitura de Balneário, na administração de Harold Schultz, quando aceitou dar uma incrementada na temporada de verão. Na sua primeira armação, chamou a imprensa para fotografar duas veranistas que estavam fazendo *topless* na parte central da praia. Era armação, mas a imprensa, que vive de novidades, aceitou como verdade e deu manchete no outro dia. Como a primeira investida foi coroada de êxito, "Mazoca" resolveu investir mais no assunto e contratou algumas moças de uma casa noturna da cidade para tirar a roupa na Praia do Pinho. A imprensa novamente fez o jogo, fazendo matérias de páginas cheias sobre o assunto. Chegou mesmo a emplacar matéria de capa em revista de circulação nacional - *Revista Manchete*. A curiosidade do povão fez o resto. Hoje a Praia do Pinho é conhecida internacionalmente.

Como se pode constatar, uma mentira bem contada, de preferência com uma pequena ajuda da imprensa, pode ser de grande utilidade. Veja os dois casos aqui lembrados. Enquanto Balneário Camboriú ganhou projeção nos meios de comunicação em nível nacional; o comércio de Itajaí, que tinha o seu movimento zerado nos dias próximos ao Domingo de Passos, acabou tendo o seu movimento mais do que duplicado. Assim, cristãos, nudistas, comerciantes e imprensa, são exemplos concretos de que mentir pode ser uma coisa muito útil a toda a sociedade. O resto é hipocrisia. Não é verdade ?

A POLÍTICA COMO FUNDAMENTO DA PAZ SOCIAL

Estamos em um dia muito especial: o dia da escolha dos novos dirigentes da cidade de Itajaí. E é justamente neste período eleitoral que costumamos ouvir os mais diferentes depoimentos sobre política, na maioria das vezes qualificando a política como uma atividade negativa, asquerosa, reservada apenas às pessoas inescrupulosas e sem caráter ou desprovidas de moral. No senso comum, política é sempre vista como uma atividade que sempre contribui para a nossa sociedade ficar um pouco pior, e por isso seria melhor vivermos sem ela.

Nada mais errado do que pensar assim. Muito pelo contrário: a política é a atividade exercida por integrantes de uma determinada comunidade, grupo ou instituição, que possibilita a existência pacífica e ordeira entre os mesmos. Sem a política estaríamos sempre e irremediavelmente em permanente estado de guerra, quer entre os diferentes grupos e famílias, quer entre as próprias pessoas. Quer dizer, seria a lei da selva, onde todos estariam constantemente em guerra contra todos, e valeria apenas uma regra geral: a lei do mais forte. Sem o exercício da política estaríamos em permanente estado de guerra, onde o mais forte teria o direito natural de subjugar a todos os demais; e o mais fraco nada mais poderia fazer, senão obedecer à vontade do dominante.

Na verdade, a política é a atividade que substitui, nas civilizações mais evoluídas, todas as lógicas da guerra. Sempre que um postulante ao poder aceitar disputar através da política temos a garantia de que não teremos a guerra. No lugar de armas e expedientes violentos, o postulante ao poder terá de usar a propaganda e expedientes de convencimento. Quer dizer, na política, ao contrário da guerra, no lugar de matar ou eliminar o inimigo, passamos a lutar para ver quem conquista mais votos. O mais forte na guerra é quem eliminar, matar o seu adversário. Na política, basta somar os votos para ver quem conta com o apoio da maioria. Quem tiver o maior número de votos fica com o direito a exercer o poder por um determinado tempo. Ganha da sua comunidade um mandato. Tempo em que exercerá a atividade de governante a partir de uma procuração emanada da vontade da maioria.

Desta forma, podemos afirmar que a política evita a guerra. Ela nada mais é, portanto, do que a guerra por outros meios, os meios eleitorais. No lugar de exércitos, temos partidos políticos; no lugar de armas em punho, temos santinhos e demais material de campanha; no lugar

de vencer, buscamos convencer. Na política temos adversários, na guerra temos inimigos. Portanto, é através da política que garantimos e preservamos a paz social. Porque basicamente temos duas maneiras de decidirmos sobre quem vai exercer o poder: através da guerra ou através da política. Aqui no Brasil, escolhemos o caminho da política. E através deste caminho continuamos a nossa trajetória de manter a paz social. Apesar de estarmos em pleno processo de disputa pelo poder, sairemos deste processo sem que ninguém morra ou seja privado de seus direitos elementares como cidadão.

Desta forma, caros ouvintes, seria interessante, nós fazermos uma reflexão séria sobre a importância da política para a nossa sociedade e para cada um de nós, enquanto cidadão, que necessita da paz social para ter garantidos seus direitos. E nada mais interessante do que fazer esta reflexão agora, no dia, na hora em que estamos deixando nossos lares para ir até a seção de votação para, de forma ordeira e democrática, darmos nossa parcela de contribuição, opinando sobre quem tem a melhor proposta para governar por quatro anos o nosso município.

Então, ouvinte, eleitor, pense bem. A política é um processo que viabiliza a paz social. E nada é mais importante para nós do que a paz. Antes de votar, pense seriamente na responsabilidade que você tem em suas mãos. Não é apenas papel, título de eleitor e cédula de votação, mas o que você tem nas mãos, enquanto cidadão e eleitor, é votar com consciência e evitar desta forma a guerra, o caos social, a guerra civil e fratricida onde todos lutam contra todos. Estamos no campo da política para não precisarmos entrar no campo da guerra, e para que continuemos no campo democrático, participativo, seu voto tem de ser um voto consciente: o voto do cidadão que optou pela paz social.

Vote no candidato A, B ou C. vote com consciência. A comunidade agradece pelo seu exercício livre e consciente como verdadeiro cidadão.

A VEJA SAIU DE ÓRBITA

Quem leu a revista Veja do dia onze de setembro, provavelmente notou o quanto a revista mais lida do Brasil saiu de órbita e foi parar em um mundo fora do sistema solar. Com reportagem de capa falando dos Estados Unidos, a revista brasileira, escrita para leitores brasileiros, fala muito pouco sobre as coisas do Brasil. Porém, quando fala, mostra o Brasil do empresário Jorge Paulo Lemann, dono da AmBev e Lojas Americanas que “levou a mulher e os três filhos para morar na Suíça” e vem trabalhar em um Falcon “o superjato executivo [...] com autonomia para viajar sem escalas entre os dois países”.

A Veja fala também de Ronaldinho que ganhou 1,8 milhões de dólares por cada gol que marcou na Inter de Milão; de milhões de dólares que os grupos hoteleiros estão gastando no Ceará para atrair turista mais endinheiro “que pode pagar por detalhes essenciais como boas piscinas, ar-condicionado eficiente e transporte de qualidade”; da grife Chanel que está inovando na sua linha de sapatos, que custam entre 695 e 795 dólares o par; da Vertu, empresa britânica que lançou o celular-jóia, com preço entre seis e 24 mil dólares, que tem um botão especial que “é apertá-lo e uma telefonista fornece informações e faz reservas de restaurantes, shows e outros preciosos serviços”.

Na Veja a campanha presidencial brasileira mereceu apenas sete páginas, enquanto que a passagem do aniversário do atentado contra o World Trade Center mereceu capa, editorial e 26 páginas. A foto do presidente Fernando Henrique Cardoso aparece na pouco importante seção “Veja Essa” com a frase “Ataque eleitoral não pega. Não adianta”. Enquanto o presidente George Bush aparece em foto de página e meia, com a frase do secretário de estado: “Temos mais influência, poder e prestígio do que qualquer outro país na história da humanidade”.

A moeda brasileira (para quem ainda não esqueceu, é o Real) foi citada em reportagens apenas 24 vezes, enquanto que a moeda americana (o Dólar) foi citada pelos jornalistas da Veja cerca de 50 vezes. Até mesmo matérias que tratam de assuntos de interesse interno do Brasil, como a construção de novos hotéis no Ceará, trazem as cifras em dólares.

Na seção “Radar” a Veja publica uma notinha que é emblemática: “No fim do mês Pedro Parente desembarca em Washington para preparar a transição de governo. Vai encontrar-se com integrantes do governo americano que participaram da transição Clinton-Bush e com acadêmicos especialistas no assunto”. Em suma: o superministro Pedro Parente vai aprender nos Estados Unidos como Fernando Henrique deve passar a faixa presidencial.

Em um país onde 60 milhões não comem regularmente e a taxa de analfabetismo em algumas regiões chega a 80%, falar em piscina e ar-condicionado como “detalhes essenciais” e de reserva em restaurante e show como “preciosos serviços” é no mínimo falta de sensibilidade ou de compromisso com o Brasil e seu povo, em especial, neste momento em que estamos envolvidos no processo eleitoral para escolher nossos novos governantes.

AGNOSTICISMO

Fui um crente por longos anos. Cheguei a dar palestras em grupos de jovens católicos e a ajudar o padre a rezar a missa. Depois fui frequentador de um centro espírita Alan Kardec, e mais tarde frequentei uma casa de umbanda. Sempre tive fé, e isso parecia algo bom para mim e para a sociedade.

Mas, a militância contra a ditadura me colocou nos braços dos marxistas e daqueles que tinham ojeriza às religiões. A ladainha geral era simples: "a religião é o ópio do povo", ou será que era "a igreja é o ópio do povo"?

Depois dos trinta deixei o ateísmo e passei a um estado mais descontraído, e de certa forma mais radical. Passei a ser um à toa. Além de não acreditar na existência de Deus, passei a ridicularizar todas as manifestações de conteúdo religioso. Como crente acreditava na existência de Deus. Como ateu não acreditava na sua existência. Como um à toa, não me satisfazia em negar a existência de Deus, e passei a ridicularizar os crentes.

Agora larguei o "atoísmo" (estado de um à toa) e me converti ao agnosticismo. Estou em um ponto em que me é suficiente não pensar sobre Deus. Se ele existe, ou não, passou a ser uma questão que assumo não ter capacidade intelectual, emocional ou moral para resolver.

Fica dito então: se ele existir, na certa terei a oportunidade de encontrá-lo pessoalmente. Neste momento espero ter a sabedoria de ouvir mais do que falar. Assim como ouvi (li) seus opositores (Karl Marx, Mao Tsé-Tung, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud), também terei tempo para escutar o que tem a me dizer. Contudo, não me furtarei a fazer uma pergunta: por que tanto mistério?

De qualquer jeito, em nome desta possível amizade futura, vez e outra, quando me encontro em perigo real, ensaio uma breve oração, que é para não perder totalmente o costume...

Assim, passo concluir: "sou ateu, graças a Deus."

ALTOS SALÁRIOS E TRANSPARÊNCIA

A Câmara de Vereadores de Itajaí nunca passou por mudanças estruturais do porte que vem experimentando nesta legislatura. Está viabilizando um novo espaço físico, mais amplo e compatível com sua atividade como representante dos anseios populares; aumentou seu orçamento e com isso pode investir na divulgação de suas atividades; está contratando assessores parlamentares para cada um dos seus membros. Por princípio, posso garantir que sou favorável a todas essas iniciativas. Mesmo porque, já fui assessor parlamentar de deputados no Congresso Nacional, em Brasília, e sei o quanto esta assessoria é necessária

Contudo, se as decisões foram acertadas, considero que a dose pode ter sido um pouco exagerada em alguns casos. Em especial, entendo que a Câmara de Vereadores exagerou, e muito, ao contratar assessores pelo salário inicial de um mil e trezentos reais. Este salário está muito acima do valor da mão-de-obra no mercado itajaiense, e deverá levar, a curto prazo, a sérios desvios. Ou seja, na medida em que um vereador tem a liberdade de contratar um assessor, sem qualquer qualificação, por um salário que mais de oitenta por cento da população itajaiense não tem oportunidade de receber, pode ocorrer a esse vereador que o salário que "ele está pagando" é exagerado. Sendo assim, ele vai buscar meios de retirar parte do salário que está em excesso, desviando esse dinheiro para outras áreas de seu interesse, como é o caso de um "caixa dois" para o financiamento de sua campanha á reeleição.

Vamos deixar de lado o nosso falso moralismo. Mesmo porque, o pouco tempo que trabalhei em Brasília me foi suficiente para observar que era isso justamente que a grande maioria dos deputados e senadores faziam com seus assessores. Se um chefe de gabinete recebia do Congresso quatro mil reais, o funcionário ficava com um mil e quinhentos reais e o restante ele se comprometia a "devolver" ao deputado. O dinheiro era utilizado para pagar dívidas de campanha, etcetera e tal.

Mas, a questão dos altos salários da Câmara não para por aí. Ao contratar uma assessora do assessor de imprensa por noventa e trinta reais, não pedindo dessa funcionária sequer conhecimento na área de comunicação ou estudo superior, a Câmara está dando um péssimo exemplo. Primeiro porque está dizendo para a sociedade que para vencer na vida basta unicamente ter um padrinho político. Estudo, esforço pessoal, competência, mérito, são detalhes insignificantes. Segundo, porque o salário está acima do que recebe grande parte dos trabalhadores especializados, com um nível de estudo alto, como é o caso dos professores e técnicos em geral. Qual a empresa que está contratando por quase um mil reais um funcionário sem diploma e sem qualificação? Quanto custa a uma empresa privada os prêmios de um funcionário que recorta jornais e atende o telefone? Quanto a própria Prefeitura de Itajaí está pagando a seus professores com título de mestre?

É por isso, e somente por isso, que faço minhas críticas às medidas adotadas pela Câmara de Vereadores de Itajaí. Concordo com os gastos para dar a Câmara um espaço mais amplo. Considero de fundamental importância que os Vereadores tenham uma assessoria. E também considero muito importante que a própria Câmara tenha um assessor jurídico e um assessor de imprensa. Tudo certo. Tudo cem por cento certo. Contudo, as vagas deveriam ser preenchidas através de concurso público, os salários deveriam respeitar o mercado, e para preenchimento das vagas seria necessário o estabelecimento de critérios mínimos, em especial quanto à qualificação profissional. Em síntese: todo o processo teria de, obrigatoriamente, ser um pouco mais transparente.

ANTES QUE SEJA TARDE

A Câmara municipal de Itajaí deveria preocupar-se um pouco mais com as questões que dizem respeito ao transporte de nossa cidade. E nesse sentido deveria criar uma lei especial que desse aos proprietários de terrenos baldios isenção total de impostos e incentivos extras para montarem estacionamentos. Antes que seja tarde.

Digo isso com muita convicção porque tive a oportunidade de ver o que nos reserva o futuro. Neste final de ano, aproveitando a comodidade trazida com a duplicação da BR-101, decidi viajar com o meu próprio veículo até São Paulo. No primeiro dia que fiquei na capital paulista já tinha decidido deixar o carro em uma garagem e andar de táxi, ônibus e metro. Em especial quando a minha visita estava direcionada para a área mais central da cidade. Não tomei essa decisão somente por causa do grande movimento de veículos e da alta velocidade por eles empreendida. Deixei o carro na garagem simplesmente porque era impossível estacionar no centro de São Paulo a menos de um ou dois quilômetros do local de destino.

O problema do estacionamento é tão sério que até para arranjar uma vaga em estacionamentos pagos tem fila, e conseqüentemente os tradicionais bate-bocas. Um parente meu está na fila para ser cliente mensalista de um estacionamento perto do seu trabalho há meses e deverá pagar nada menos do que cem reais. Uma hora de estacionamento pode variar de três a quatro reais tanto em São Paulo quanto em Curitiba. Mas o pior eu vi no Largo do São Francisco e na região do Anhangabaú. Ali, comerciantes estão reservando uma área útil da sua loja para que o cliente estacione o carro dentro da loja. Isto mesmo: parte do espaço físico da loja virou estacionamento para o carro do cliente. Assim, é normal você ver loja em São Paulo com carros no lugar das vitrines e expositores. Já pensou as lojas da rua Hercílio Luz derrubando suas vitrines e abrindo espaços para os carros?

Por enquanto ainda encontramos vagas na *zona azul*, apesar de nunca encontrarmos as *moças de azul*. Também, por enquanto ainda conseguimos encontrar vagas em estacionamentos que cobram um real a hora, e alguns até por um período inteiro. Mas até quando isso será possível ?

Além de resolver a questão do estacionamento, que está se tornando crítica em todos os municípios de grande e médio porte, o incentivo aos proprietários dos terrenos baldios resolve outras questões também importantes para uma cidade. É o caso da estética, fator muito importante para uma cidade com vocação turística. É o caso da higiene, conceito fundamental de nossa civilização. Geração de novos empregos, uso racionalizado do espaço urbano, qualidade de vida, etcetera e tal.

Estacionamentos no lugar de terrenos baldios, antes que seja tarde.

AS IRMÃS QUE VIRAM DEUS

Quem transita pela cidade de Itajaí não pode deixar de notar que o número de mendigos aumentou de forma extraordinário nesses tempos de neoliberalismo e globalização da economia. Uns limitam-se tão-somente em permanecer próximo a um semáforo pedindo uma moeda, outros formam grupos próximos aos restaurantes e "organizam" as áreas de estacionamento existentes nos logradouros públicos. Porém, a cidade abriga também os seus mendigos históricos, que estão pelas ruas há muito tempo e sequer tomaram conhecimento do que é neoliberalismo.

De todos esses habitantes da cidade [no verdadeiro sentido do termo, posto que sequer possuem casa] sempre fico alegre quando encontro as "duas irmãs". Duas mulheres adultas, negras, que há pelo menos duas décadas perambulam pelas ruas da cidade "sem beira nem eira". Esta alegria tem um motivo muito simples, é que considero que tenho um passado com elas. Explico:

Tinha os meus vinte anos e morava na rua João Bauer, ao lado da caixa d'água da Casan. Naquela época tinha o hábito de sair de casa, devido ao calor, para ler meus livros na praça Irineu Bornhausen, defronte a Igreja Matriz. Como já cultivava uma barba comprida e espessa, herança do movimento contracultural dos anos sessenta, um dia fui abordado pelas "duas irmãs":

- Olá, Deus ! (disse a mais nova)
- Olá ! (Disse eu secamente, sem querer muita conversa)
- Como é ser Deus ? (Disse-me a mais velha)

Mas, Antes que eu pudesse me refazer do susto pelo teor de tal pergunta, a dupla chegou mais perto e ambas ficaram olhando diretamente para a minha barba, dando a entender que iriam tocá-la. A expressão delas era de quem não estava acreditando no que via, isto é, Deus em carne e osso. Confesso que fiquei meio assustado e tratei de ler o meu livro em outra freguesia, menos surrealista (apesar de estar lendo *Assim Falava Zaratustra*, o que tinha tudo a ver, não é mesmo?)

Para meu espanto, muitos anos depois, encontrei novamente as "duas irmãs". Estava saindo da *Casa Aberta*, situada ali próxima ao Mercado Público, quando a mais nova iniciou um diálogo comigo:

- Que horas são?
- Todas! (respondi-lhe imediatamente).
- Como assim? Perguntei que horas são! (Insistiu. Tentando dar um tom de racionalidade ao nosso diálogo.)
- Todas as horas!

Nisso já estava lembrando da conversa que tivemos há muitos anos na Praça Irineu Bornhausen e achava que elas estariam novamente me vendo como Deus, quando a mais velha interferiu no diálogo e sentenciou:

- Você é doido?

Confesso que fiquei decepcionado. Em um dia fui visto como Deus; noutro, como louco. Para as "duas irmãs" passei da condição superior de divindade à triste condição de um pobre mortal, desmiolado e incoerente, digno de pena. Foi uma queda tão abrupta e radical na minha imagem que ainda não me recuperei de seus traumas. De qualquer forma fica uma grande lição que aprendi com as "duas irmãs" : A FAMA É TRANSITÓRIA.

CAIXOTE DE ABELHA

Foi por volta de 1966 que meu pai comprou o primeiro aparelho de televisão. Era um aparelho enorme, com uma tela prateada, protegida por um grande caixote de madeira revestido de fórmica, de marca ARISTON que, pelo fato de fazer muito chiado, recebeu o apelido carinhoso de *caixote de abelha*.

Minha mãe custou a se conformar com a aquisição feita pelo meu pai, que pagou uma verdadeira fortuna pelo tal aparelho. Além de ser grande e desengonçada, ainda vinha com uma antena externa gigantesca e com um estabilizador de voltagem barulhento e feio. Sem contar que pra ligar tinha de esquentar o aparelho por uns cinco minutos, até que a tela aparecesse por inteira. Tinha também a necessidade de se dar o tradicional tapinha, afago que o aparelho não dispensava. Parecia capricho, mas sem o tapinha a imagem não tinha jeito de aparecer.

Meu pai comprou a ARISTON de um amigo chamado Pedro Paulo Rebelo, que recém acabara de instalar no bairro Vila Operária uma montadora de aparelhos de TV. As peças ele trazia de São Paulo e a parte da marcenaria ele fazia no galpão de sua propriedade em uma transversal da Umbelino de Brito.

Os primeiros atores que tenho na memória são Sérgio Cardoso e Procópio Ferreira. Guardo na memória algumas novelas, como *O Direito de Nascer*, *A Grande Viagem* e uma que não terminou porque pegou fogo nos estúdios de gravação, intitulada *O Amor Tem Cara de Mulher*. Bem depois comecei a pegar gosto pelo desenho animado *Homem Mola*, *Fluído e Múltiplos*, seguindo *Jerônimo- o herói do sertão* e séries como *Zorro*, *Batmasterson*, *Bonanza*, *Perdidos no Espaço*. Inesquecíveis foram os festivais de música e a *Jovem Guarda*, que era "uma brasa mora".

Como nossa televisão foi também a primeira da rua Max e até da região, chegava dia em que tinha mais gente assistindo novela do lado de fora da casa, do que na sala. Era uma verdadeira fascinação. Pena que no começo a Rede Tupi passava pouquíssimas horas diárias de programação, tudo em preto e branco é claro. A TV Coligadas, de Blumenau, quando conseguia ficar "no ar" era no máximo por duas horas. Tinha épocas em que o sinal da repetidora falhava por semanas consecutivas, enquanto que em outras oportunidades se escutava a televisão e na tela só se via chuviscos acompanhado do som inconfundível de uma colméia.

Outro fato relacionado à televisão que lembro bem, foi quando em certa oportunidade li um artigo de jornal, que estava afixado no mural do pátio do Colégio Salesiano, anunciando a invenção da TV colorida. As pessoas ao ler aquilo ficavam perplexas, desdenhavam e ficavam fazendo um esforço danado para tentar entender como era possível transmitir pelo ar as cores de uma imagem em movimento. A palavra que mais se ouvia falar era: mentira! Estávamos perplexos. Incrédulos. Cinco anos depois eu já estava assistindo televisão colorida. Era uma *Colorado RQ*. Daí para a frente as comunicações deram saltos grandiosos. Já em 1998 adquiria uma antena parabólica do tamanho de uma pizza, do sistema DirecTV, vinculado ao Grupo Abril, que oferecia via satélite, em cores, mais de 160 opções na programação, incluindo canais com música e filmes pelo sistema *pay-per-view*. Ao todo foram passados 30 anos, mas fora como se tivéssemos percorrido nesse pequeno lapso de tempo uma distância entre a caverna e a caminhada do homem na superfície da lua.

O avanço tecnológico foi tão extraordinário e rápido que algumas pessoas mal tiveram condições psicológicas de se adaptar. A tecnologia no seu avanço desenfreado não deixou de fazer suas vítimas. Meu avô Doca, por exemplo, ao ver o homem pisando pela primeira vez na lua preferiu agarrar-se nos seus quase 90 anos de sabedoria e morrer acreditando que tudo não passava de uma montagem. Vô Doca aliás, tinha uma grande dificuldade para se relacionar com a televisão. No início, ficava indignado quando um ator aparecia vivo na nova novela, quando ele havia morrido há pouco, no último capítulo da novela anterior. A verdade é que ele ficava indignado. Quando começou a perceber que a televisão mentia descaradamente para ele, simplesmente passou a julgar o noticiário pelo mesmo critério que julga novelas, filmes e todas as obras de ficção. Em síntese, só acreditava naquilo que queria.

Passadas algumas décadas, espero sinceramente que meu filho e netos, na frente da televisão, aprendam a ser um Velho Doca.

CHANTAGEM

Fico cada dia mais perplexo ao ler notícias sobre o mercado financeiro, dando conta de que o “investidor estrangeiro abandona Brasil” e os “Mercados de ações e de fundos de investimentos registraram saídas de US\$1 bilhão em agosto”. Do que afinal fogem? Provavelmente de um futuro Governo Lula e do “Comunismo” petista.

Bem, se o capital internacional está correndo do “Comunismo” do PT, então porque a CHINA, que é Comunista de verdade, entrou no segundo semestre deste ano como o país que vem recebendo mais investimentos internacionais, superando inclusive países capitalistas estáveis como Estados Unidos e França? Tem algum país no mundo mais Comunista do que a China? Então, por que tirar o dinheiro do Brasil e levar para lá?

Se o capital está saindo do Brasil do Lula e indo para a China (Comunista) ou para a Alemanha e Inglaterra (ambos países governados por partidos Socialistas Democráticos – como o PT), então podemos concluir que este abandono do mercado brasileiro nada tem a ver com o fato do provável presidente ser de esquerda, mas com chantagem. Isto mesmo, os banqueiros internacionais estão querendo influenciar diretamente na política interna brasileira e o fazem de forma descarada, transferindo seu capital especulativo para um país “mais confiável” (mesmo que Comunista) para promover uma crise no mercado e estabelecer o pânico no eleitor brasileiro.

Acontece que o golpe não está mais funcionando como em eleições anteriores, porque o eleitorado brasileiro (pelo menos a parte mais esclarecida – que vota no Lula) já percebeu que o Brasil tem de se livrar rapidamente dessa corja de sanguessugas do capital especulativo e apoiar de forma consistente o capital produtivo, aquele que faz a economia interna girar, oportunizando melhores salários e emprego para todos. De certa forma, indo embora para produzir uma falsa crise, visando beneficiar candidatos mais à direita, o capital especulativo está fazendo um grande favor para o Brasil e ajudando um futuro governo petista, porque este governo pode começar a trabalhar somente com quem interessa, ou seja: o capital produtivo.

Melhor assim, vão embora por conta própria não criando ali na frente uma crise de verdade, que poderia levar o Brasil ao fundo do poço. Saindo agora, em plena vigência do “Malanismo” do Governo Fernando Henrique Cardoso, que tanto os beneficiou, sequer podem argumentar que o Lula os expulsou do país, foram voluntariamente. Que bom! Temos a inédita oportunidade de, sem muito esforço, nos livrar do capital especulativo e promover uma parceria séria, e patriótica, com o capital produtivo.

CIDADÃO

Magru Floriano

Cidadão é aquele que é dono de seu próprio discurso. Aquele que, por ser consciente, consegue se anunciar ao grupo. Tem voz e vez junto à comunidade.

Muitos professores entendem que estão dando ao seu aluno a condição de cidadania ao lhe ensinar leis (direitos e deveres). Essa é uma idéia muito pobre do que vem a ser concretamente um cidadão. A sua construção dá-se efetivamente quando uma pessoa consegue apropriar-se de um aparato intelectual de tal envergadura que possa construir seu próprio discurso, e através dele se anunciar ao grupo.

Portanto, só é cidadão quem é sujeito de discurso, quem tem voz e consegue ter o privilégio de ser ouvido pelos outros. Do contrário, a pessoa é apenas objeto do discurso, é manipulado por ele, condicionado, massificado.

Outro ponto fundamental da cidadania é que o sujeito do discurso é um sujeito obrigatoriamente engajado na sua comunidade. Discurso só dito é levado pelo vento. Discurso que faz cidadania é COMPROMISSO, é matéria-prima para o fazer social.

Cidadão é aquele que age na sociedade. É agente social. Sabe de seus deveres e faz questão de cumpri-los. Sabe de seus direitos e não abre mão de tê-los. Sabe de seus compromissos e se empenha ao máximo no fazer, no realizar para o bem comum.

Portanto, fazer uma imprensa popular é dar voz à maioria silenciada, dar espaço para questões que dizem respeito ao interesse da maioria oprimida. O mesmo ocorre com a escola popular. A escola popular é aquela que auxilia o sujeito a ser proprietária de seu próprio discurso e, como consequência direta dessa propriedade, ter voz e vez no grupo tornando-se um agente comprometido com o interesse da comunidade.

Fala cidadão !

CIDADE DE DOUTORES

Se o Brasil é o país dos doutores, Itajaí é a sua Universidade. Nunca vi tantos doutores em tão diminuto espaço. Quando olho para as placas indicativas de consultórios e clínicas, com uma nominata cheia de "Deerres" chego às raias da indignação e é inevitável a pergunta: quantos desses doutores cursaram doutorado?

Há, portanto, uma certa doutomania (pegando de empréstimo termo utilizado por Lima Barreto em 1920) às avessas. Isto é, todo mundo é doutor sem sê-lo e por conta disso quem realmente é doutor acaba escondendo o seu título ou não fazendo muita questão em mostrá-lo, fugindo do senso comum ou da vulgarização do termo.

Neste assunto é emblemático o exemplo de um professor que tive na faculdade, que no primeiro dia de aula mandava um aluno ler o seu *curriculum-vitae* e depois exigia que seus alunos o chamassem de *Doutor*. Mas, nunca passara de bacharel o coitado do "doutor". Parece, contudo, que fez escola por aqui, porque nunca vi tantos bacharéis-doutores. Pior, de uns tempos para cá, não apenas advogados (que só a Univali forma quase cem por ano) e médicos, seguem a máxima de ser doutor sem estudar doutorado. O direito ao título agora foi estendido também para os dentistas, os fisioterapeutas, os farmacêuticos, os fonoaudiólogos, os só não vejo o pessoal das licenciaturas (Pedagogia, Letras, Geografia e História) dando-se a tal direito (e por pura ironia é o setor onde mais encontramos doutores de verdade), de resto o "doutor sem doutorado" virou lugar-comum, farsa consolidada e respaldada de forma consensual e inquestionável.

Somos portanto um país de doutores sem doutorado, o que não deixa de ser um grande desistímulo para aqueles que querem continuar sua vida acadêmica de estudo e aprofundamento profissional. Afinal, para que cursar uma especialização, depois mestrado, depois doutorado, se é usual que o bacharel (graduado) tem o direito de anexar o Dr. ao seu nome?

A farsa educacional é tão corriqueira no Brasil que aos bacharéis e licenciados damos de presente um "doutorado de placas" e para que não haja ciúmes, chegamos ao requinte de reservar a alguns membros de destaque, que não tiveram a fortuna de estudar, um título de comendador, só que sem qualquer direito á uma comenda. Temos, portanto, doutores sem doutorado e comendadores sem comendas.

O mundo está, portanto, exatamente como dizia o mestre Pangloss a Cândido: "tudo está da melhor maneira possível". Eu complemento Pangloss nos seguintes termos: sorte a nossa de podermos contar com os préstimos e a sabedoria de tantos e tão variados doutores e, lembrando Shakespeare, afirmo que "Bem está o que bem acaba". Portanto, está instituída a república dos doutores de placas. Os demais que recolham seus diplomas, pois o costume faz o direito, e é só .

CIÊNCIA E CRIATIVIDADE

Temos de descansar temporariamente de nós, olhando-nos de longe e de cima e, de uma distância artística, rindo sobre nós ou chorando sobre nós: temos de descobrir o herói, assim como o parvo, que reside em nossa paixão do conhecimento, temos de alegrar-nos vez por outra com nossa tolice, para podermos continuar alegres com nossa sabedoria!

Friedrich Wilhelm Nietzsche.

Tenho observado que alguns círculos mais restritos da universidade, no afã de produzirem saber científico, adotam um padrão único de redação, estabelecido pela Metodologia Científica. Assim, todos os relatórios de pesquisa, todos os artigos científicos, para serem aceitos ou indicados para publicação devem respeitar as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas. Se não estiverem dentro do padrão, não são considerados científicos. Mas, o que estabelece que um artigo é ou não científico: - a linguagem do seu relatório, ou os saberes ali contidos?

O culto à metodologia científica é prejudicial para a ciência e também para a universidade porque inverte a realidade, trocando os meios pelos fins. A metodologia deve ser instrumento de trabalho, nunca ser um fim em si mesma. Quando a metodologia passa a ser aplicada com rigor, transforma-se em uma verdadeira camisa de força, impedindo que o pensamento inovador surja. Quem lê os artigos científicos, além de seus próprios autores, os professores-orientadores e um ou outro amigo do autor? Parece que escrevemos esses artigos não com objetivo de serem lidos, mas com o objetivo de engordarem nossos currículos acadêmicos.

Vivemos em plena ditadura da metodologia científica, de tal sorte a não nos ser permitido o direito de correr riscos e até mesmo de errar. Mas como pensar de forma inovadora, crítica e criadora, sem correr o risco de errar? E como ser criativo, se para defender uma idéia, primeiro temos de ler duzentos autores sobre o tema, pinçando de suas obras algumas frases de efeito para colocarmos entre aspas? A maioria das dissertações e teses não passa de mosaico, colcha de retalhos. Uma vergonha nacional, uma vez, tratar-se de uma verdadeira farsa intelectual.

No meu entendimento, devemos priorizar o Método Científico (diferentemente de Metodologia Científica) estimulando as pessoas a pensarem com profundidade, criatividade e criticidade. Também seria bom que o cientista escrevesse de forma agradável, para que todos tivessem o prazer de sua leitura.

A Metodologia Científica criou *a ciência das aspas* que desconsidera por completo a capacidade do homem de pensar/escrever de forma original e prazerosa.

A continuar neste ritmo as traças vão acabar ficando mais sábias que os homens...

COMPRA GATO, LEVA LEBRE

Dia desses fui até o centro da cidade para comprar um novo celular. Depois de perder quase uma hora no processo de escolha, considerando preço e modelo, acabei adquirindo um celular da mesma marca do anterior - Motorola. Quando cheguei em casa me deparei com um manual de instrução com nada menos do que setenta páginas. Só após ler com muita atenção o conteúdo ali exposto pelo fabricante é que tive a exata noção do que havia comprado. Acho que comprei um manual de instrução e ganhei o celular de brinde.

Confesso que fiquei surpreso e ao mesmo tempo atônito. Afinal eu não sabia o que fazer com tanta coisa colocada à minha disposição. Tinha também minhas dúvidas sobre a praticidade da maioria daquelas funções. Sem contar ainda, que para ler e compreender o que estava escrito no manual perdi um final de semana inteiro. Após ler e reler, com muita calma e interesse, ainda continuei tendo mais dúvidas do que certezas. Aliás, é sempre assim: quando quero me sentir burro, um verdadeiro incapacitado mental, vou nos meus guardados, pego um manual e tento entender como funciona o vídeo-cassete que comprei há dois anos.

Não contentes em nos deixar em situação vexatória, os manuais agora estão escritos de um jeito meio hollydiniano. Como se fosse um filme de ficção científica: "A Motorola orgulhosamente apresenta o UltraTAC 770, a última palavra em comunicações celulares pessoais. Utilizando os mais recentes avanços em tecnologia digital TDMA, o telefone UltraTAC de modo duplo alterna automaticamente entre sistema digital TDMA de alta capacidade e sistema analógica tradicional." Só na apresentação noventa e nove por cento dos usuários já desiste de entender como o aparelho funciona, o restante, minoria na qual eu me incluo, acaba lendo o manual até o final para depois desistir. Em síntese, não somos nada práticos, porque podíamos desistir na primeira página e economizar um final de semana inteiro.

Esses que desistem já no início, por serem mais práticos, colocam o celular no bolso e toda vez que têm um tempinho vão apertando um botão aqui outro ali, até que acertam uma função. Depois de alguns dias já sabem como funciona tudo. Tudo que lhes interessa, é claro, porque a maioria das coisas que o aparelho faz, não interessa, jamais vai ser usada. Acabamos comprando gato e levando lebre, porque no meu caso eu queria um celular, simples celular, de forma que pudesse discar uns numerozinhos e alguém atendesse do outro lado com o tradicional e usual "Alô?". Mas, não! O mundo tecnológico não se satisfaz com o simples, o usual, o prático. Tem que me vender um celular com serviço de mensagens curtas, serviços internos, número de telefone único, tecla inteligente, modo econômico, modo privado, função turbo de discagem, display de rolamento de duas linhas...

Poso concluir, depois de ler o manual, que paguei por coisas que não vou usar. Ou pior: o alto preço que tive de pagar pelo aparelho deve-se a coisas que nem sabia que estava comprando. Estou começando a ficar com saudades do tempo em que as pessoas colocavam suas cadeiras na calçada defronte das suas casas e simplesmente conversavam umas com as outras fazendo a "crônica" do dia. Comunicavam melhor, estavam sempre atualizadas e não pagavam nada. Quem disse que a tecnologia é sempre um avanço? Quem?

CONCENTRAÇÃO DE RENDA E ARTES

Os escritores norte-americanos mais lidos no momento - John Naisbitt e Patrícia Aburderne (Megatrends 2000) consideram que o interesse pelas artes, em detrimento da prática esportiva, configura-se como uma das grandes tendências para este final de século. Ao argumentarem sobre o assunto, enumeram exemplos que vêm ocorrendo nos EUA, onde teatros, óperas, vernissage, estão recebendo mais público do que partidas de beisebol, futebol americano ou basquete - verdadeiras paixões dos americanos. E, em especial, pelo fato de obras de Van Gogh, por exemplo, terem sido leiloadas recentemente por cifras astronômicas, impensáveis há 10 anos. É o caso do quadro Girassóis arrematado por algo em torno de 40 milhões de dólares, ou Os Lírios, que mereceu uma oferta de aproximadamente 54 milhões de dólares.

No meu entendimento há um equívoco na análise dos autores aliás, vários equívocos. O mais primário deles é o de considerar os EUA como centro do mundo. Como se tudo que acontecesse nos EUA correspondesse exatamente as demais partes do globo terrestre. (cópia da *eurovisão* positivista e marxista do século passado).

A leitura correta sobre o valor que se dá na atualidade a um quadro de Van Gogh deve ser bem diferente da apresentada pelos autores. É a leitura histórica já feita do Renascimento do século XIV E XV. A história nos mostra com nitidez que quando uma sociedade experimenta um surto de desenvolvimento econômico, adjacente a este processo surge a arte em toda sua plenitude. Foi assim também, por exemplo, quando o ciclo do ouro fez surgir nomes como Aleijadinho, ou o ciclo da borracha propiciou a construção de um majestoso teatro de óperas em plena selva amazônica (Manaus).

Hoje, quando a humanidade experimenta de forma ainda mais aguda o processo de concentração da riqueza - quer seja no sentido global norte-sul, quer no sentido interno de cada país e região - torna-se evidente que a *sensibilidade* dos novos mecenas têm um significado econômico e não estético. Esgotadas as possibilidades de investir na produção este capital excedente, sem alternativas seguras de investimento - como terra, edifícios, ações - acaba precisando buscar novas formas de investimentos, inventando novas fronteiras onde aplicar o capital acumulado.

Assim como os grandes latifundiários procuram novas fronteiras agrícolas quando as terras em suas mãos começam a dar sinais de esgotamento, mantendo ou até baixando os índices de produção, assim, também, a elite concentradora de capital não produtivo, vai buscar a valorização fictícia de novos bens duráveis, para ter onde investir tais recursos de forma segura e rendosa.

Dar um novo valor a objetos que não trazem em si o peso, a marca, do trabalho assalariado, é uma resposta perfeita à equação. Primeiro, porque não dá margem à interpretação de que o novo valor atribuído à obra de arte é um reconhecimento do dono do capital ao trabalho arduo do operário; segundo, porque estabelece um vínculo entre valor e objeto, sem a mediação do conceito marxistas de trabalho, que dá conta de que só o trabalho cria valor .

Portanto, quando você ouvir no Jornal Nacional que um quadro de Picasso foi arrematado por milhões de dólares, entenda que há um capitalista internacional querendo investir capital acumulado de forma a correr riscos comprando ações no mercado financeiro, ou investindo em fábricas que dependem de operários e seus sindicatos.

CONSCIÊNCIA PESADA

Magru Floriano

Estava eu lá pelos lados de Angra dos Reis, curtindo o mar calmo das baías da Ilha Grande e Sepetiba. O veleiro *Pampeiro* deslizava pelas águas do litoral carioca como se estivesse flutuando em nuvens de algodão, o sol brilhava, a cerveja estava gelada, a conversa com os amigos era animada....mas, continuamente me batia uma leve depressão, com a consciência me chamando a atenção para os meus atos. Em intervalos de tempos que começavam a ficar cada vez mais curtos habitavam a minha mente as palavras de Machado de Assis: "A nação não sabe ler. Há só 30 % dos indivíduos residentes neste país que podem ler ... 70% jazem em profunda ignorância". Enquanto que a maioria sequer sabia ler, eu ali curtindo a brisa leve que fazia deslizar o *Pampeiro*... ai, consciência de um homem dito de esquerda!

Olhava para o *Pampeiro* e a minha consciência latejava: "é coisa de menos de trinta por cento, da elite....o que faz aí, homem de esquerda?". Passava pela ilha da Xuxa, do Roberto Marinho, do Ivo Pitanguy e parava ao largo próximo a uma ilha para almoçar, num daqueles restaurantes especiais que fazia tudo ficar tão lindo que mais parecia uma pintura.....e lá vinha a minha consciência de homem de esquerda latejando "o que fazes aí?".

No último dia da minha curta estada em Angra dos Reis estávamos velejando lá pelos lados da Ilha Grande e resolvemos parar para almoçar na praia de Maguariqueçaba, que abrigava um famoso restaurante de um oriental e uma pensão também famosa e familiar. Ali a minha consciência resolveu agir novamente só que trocando Machado de Assis por Cristovam Buarque (na época governador petista do Distrito Federal), lembrava-me ela de que: "O Brasil apresenta um quadro dramático de degeneração social, decorrente da desigualdade com que se distribui o produto econômico". Depois dizia: "Usando o autoritarismo político e a concentração da renda e dos benefícios, a elite dirigente concentrou seus esforços na construção de uma sociedade de consumo para uma minoria".. para em seguida sentenciar: Meu Deus, o que fazes aí no meio desta elite, homem de esquerda?!

Ao desembarca em Maguariqueçaba, vejo uma pessoa que a princípio não me era desconhecida. Cheguei mais perto e confirmei as suspeitas iniciais. Realmente era o dito cujo. Telefone celular próximo ao ouvido direito, dava entrevistas sucessivas à rádios de Brasília e São Paulo. Entre uma entrevista e outra se jogava na água fresca de Ilha Grande ou brincava de

chute-volei com os amigos, sem dispensar uma cervejinha gelada, e gabar sua penetração na imprensa nacional ...

Cheguei perto, ele me cumprimentou cordialmente e eu então disse para mim e para a minha consciência: “Desgraçado de uma figa, porque somente no último dia você me apareceu na frente? Tivesse vindo nesta ilha primeiro, e o restante das minhas férias teria tido outro sabor...pelo menos a minha consciência de homem de esquerda teria ficado um pouco mais recolhida, reticente, contemplativa”.

É que o homem que encontrei se banhando em Maguariqueçaba era o tranqüilo e bom burguês José Genoíno, líder do PT na Câmara dos Deputados, homem de esquerda, só que diferentemente de mim, com a sua consciência completamente tranqüila, curtindo o mar azul e um sol dourado sem igual em qualquer outra parte do mundo.

Ao voltar para Itajaí deixei a minha consciência de homem de esquerda de castigo, que é para ela aprender a nunca mais se meter a besta comigo. E está dito, nas próximas férias ela fica em casa, que eu vou bater um papo muito dos espertos com o José Genoíno, tomando aquela cerveja geladinha lá pelos lados de Maguariqueçaba.

CPI DO PATRIMÔNIO PÚBLICO

Dia desses estava passando pela Avenida República Argentina e tive a oportunidade de assistir a uma cena insólita. Uma empresa de pescados localizada bem próxima da Prefeitura Municipal de Itajaí estava oferecendo um churrasco para seus funcionários e adaptou uma churrasqueira em pleno passeio público. A imagem da churrasqueira feita de tijolos soltos não saiu mais da minha cabeça desde então. Fiquei pensando sobre todo o patrimônio público que está sob a guarda da municipalidade, e me perguntei se este patrimônio realmente estava recebendo os cuidados necessários. A desconfiança é óbvia, já que a menos de cem metros da Prefeitura tinha gente assando churrasco na calçada. Então, fiquei imaginando o que deveria estar acontecendo com todo o resto.

Quem afinal está utilizando o Mercado Público, o Mercado de Peixe, o Camelódromo? Quanto paga por mês? Por que é fulano e não beltrano que está explorando aquele espaço? Teve concorrência pública? Os preços cobrados no aluguel estão de acordo com o mercado imobiliário? Quais os critérios para se ocupar a praça João Bauer e o camelódromo? Têm pessoas com mais de uma barraca? Têm pessoas que não trabalham mais no local e estão servindo como atravessadores? Por que querem transformar aquilo em um prédio fechado? Qual o benefício público disso? Quem vai pagar mais esta conta?

Como podemos constatar, parece mais do que justificável a idéia de se promover na Câmara Municipal de Vereadores uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar tudo isso direitinho. Poderíamos chamá-la de CPI do Patrimônio Público. Com ela ficaríamos sabendo quem está usando benfeitorias públicas, quanto está pagando, quanto deveria estar pagando, quais as benfeitorias públicas que estão sendo utilizadas por particulares, porque, e assim por diante. O inverso também será investigado. Isto é, a CPI teria a missão de revelar ainda, como a municipalidade está ocupando prédios particulares e porque.

Parece que perdemos a capacidade de perceber exatamente onde se encontra o interesse público e o interesse privado. Podemos dizer, por exemplo, que a praça João Bauer é pública? Podemos, por acaso, dizer que o Mercado de Peixes é público? Podemos dizer que o Mercado Público é público? Sabemos que todos esses imóveis são do município, mas cumprem função pública? Suas atividades estão relacionadas aos interesses de todos os cidadãos?

Por incrível que pareça, em alguns casos ocorre justamente o contrário. Isto é, o imóvel público não beneficia o cidadão, e além disso prejudica todos os comerciantes que cumprem rigorosamente a lei, pagando seus impostos, emitindo notas fiscais, pagando aluguéis caros, ou até investindo grande parte do seu capital na compra de imóveis bem localizados onde vão implantar o seu negócio e gerar muitos empregos. Não é isso que ocorre justamente com os comerciantes da rua Hercílio Luz em relação ao camelódromo?

Se são os comerciantes da rua Hercílio Luz que pagam impostos e geram mais empregos, por que Nilton Dauer está preocupado com os camelôs e a economia clandestina? Não seria o caso de estimular as atividades econômicas que pagam impostos e geram empregos?

Com a palavra os senhores vereadores.

CRITICIDADE

Muitas pessoas são simplesmente inconvenientes por entenderem no direito de dizer "a verdade doa a quem doer", de serem "sinceras", etcetera e tal. Outras, entendem que são críticas porque conseguem ver sempre algo de errado nas coisas. Pior, conseguem sempre ver apenas o que está errado.

Não é bem assim. Primeiro porque a verdade é uma construção da subjetividade humana. Ou seja, só é verdade aquilo que eu construo como tal e, portanto, é válido somente para mim.

Já a criticidade é algo um pouco mais complexo. Aquele que se diz crítico muitas vezes não passa de um negativista doentio, ou simplesmente um cretino, porque tem a capacidade de apenas destruir as coisas sem que consiga colocar algo melhor no seu lugar. O cretino é um destruidor, serve muito para trabalhar em empresas de demolição, em aterros sanitários, ou em crematórios públicos, e só.

O crítico, contudo, é uma pessoa especial, que se diferencia largamente do cretino. Seu discurso é constituído por três elementos básicos: denúncia, anúncio e compromisso.

Denúncia - em primeiro lugar a pessoa crítica tem a capacidade de compreender o mundo em sua volta, ver seus acertos e erros, Ter crítica e auto-crítica. Sabe analisar a conjuntura. Por este motivo está em condições de denunciar, dar um diagnóstico completo dos problemas;

Anúncio - após denunciar, mostrar, evidenciar quais os problemas existentes, a pessoa crítica passa à etapa do anúncio. Qual seja, para cada problema ou denúncia ela busca estabelecer possíveis soluções. Estas propostas não são imperativas, impostas, mas elaboradas em forma de contribuição para o debate democrático com o seu grupo;

Compromisso - aquele que tem a compreensão dos problemas e a visão de possíveis soluções, agora tem a responsabilidade de se comprometer com as ações sociais que visam superar os problemas antes detectados.

A pessoa crítica é uma pessoa construtiva, que só aceita destruir sob a condição de poder fazer algo melhor para colocar no lugar.

Como o mundo está cheio de meia-verdades e de cretinos, sobra aos críticos, muitas vezes, ter a sabedoria de não desistir jamais de participar socialmente. Não é fácil lidar com os donos da verdade e os cretinos, mas em compensação os frutos obtidos na batalha justificam, em muito, qualquer sacrifício.

DASLU

A revista Veja publicou recentemente uma pesquisa sobre os valores e hábitos de uma parte da elite brasileira. Uma minoria entre a minoria privilegiada que recebe entre duzentos e quinhentos mil reais por ano, que não têm escrúpulos em gastar setenta mil reais com um traje de gala, ou pagar vinte mil por uma simples bolsa, e que frequenta uma loja paulista chamada Daslu.

Na Daslu, os ricos têm cinco mil metros quadrados cobertos de Chanel, Givenchy, Gucci, Prada, Valentino, Yves Saint Laurent, Christian Dior. Quem mora fora de São Paulo chega a fretar jatinho particular para ir às compras na Daslu. Esta é a pobre vida de nossa elite...

Em contrapartida, os noticiários mostram que dia-a-dia o Movimento dos Sem-Terra arregimenta mais e mais famintos em torno de uma causa medieval: a reforma agrária. Sem dificuldades, o MST vê seu exército de famintos e desvalidos crescer tão rapidamente que se dá ao luxo de enfrentar o Governo Federal, com suas bombas de gás lacrimogênio, balas de borracha, polícias e exército. O que a elite que frequenta a loja Daslu diz sobre o MST? Diz que são uns radicais, trogloditas, animais raivosos, que desrespeitam o princípio básico da civilidade política – a democracia e o direito à propriedade privada.

Bem, como eu nunca fui um Sem-terra, e muito menos tive a oportunidade de sequer passar em frente à loja Daslu, fico imaginando o quanto o Brasil é desequilibrado econômica e socialmente, e o quanto esta diferença selvagem entre o rico e o pobre ameaça o futuro do país. É triste também, constatar que Fernando Henrique Cardoso é um social-democrata, e que a Social-Democracia, apesar de fundamentar seu discurso na Justiça Social e na melhor distribuição da riqueza nacional, na prática, vem fazendo tudo isso ao contrário.

Não é novidade para ninguém que o número de pobres tem aumentado muito nos últimos anos, apesar de há cem anos a economia brasileira experimentar índices significativos de crescimento. Somos a décima economia do mundo e estamos cada vez mais ricos. Apenas não sabemos dividir humanamente esta riqueza. Isto significa dizer que o nosso problema não está mais na esfera da produção, porque somos competentes na produção de riquezas. O nosso problema agora, está no setor da distribuição. O problema nacional que requer nosso empenho de forma prioritária é: como distribuimos a riqueza que todos os brasileiros produzem?

Nossa elite gasta quatro mil reais na compra de um par de tamancos e chama um lavrador faminto de radical só porque aceitou fazer o jogo político de lideranças que lhe ofereceram um prato de comida e um pedaço de lona velha, onde pudesse abrigar sua família.

Mas, quem mora em Itajaí e Balneário Camboriú, infelizmente, não precisa ir até São Paulo, para ver o absurdo contraste entre o Brasil da fome e o Brasil refletido nas vitrines da Daslu. Basta, ao parar nas sinaleiras, abrir os vidros do seu carro.

Onde todo este egoísmo e insensibilidade nos levarão?

DE TANCREDO A FHC

Tancredo Neves esteve em Balneário Camboriú no final de 1984, quando nossas esperanças de ter um presidente eleito pelo sufrágio universal já tinham ido por água abaixo no fatídico dia 25 de abril, oportunidade em que a emenda Dante de Oliveira foi derrotada no Congresso Nacional por 298 votos, contra apenas 65 votos democráticos.

Não restava mais o que fazer senão lutar dentro do próprio Colégio Eleitoral para derrotar o candidato da ditadura à presidência, Paulo Salim Maluf. O candidato da Aliança Democrática na eleição indireta era Tancredo Neves, tendo como vice um dissidente da ARENA-PDS, José Sarney. A visita de Tancredo à Santa Catarina foi devido ao Encontro Nacional de Vereadores que estava ocorrendo na Citur de Balneário Camboriú. Paulo Maluf também apareceu no evento. Em dias diferentes, é claro. Mas, não foram poucos os políticos que beijaram ambas as mãos.

De todas as lideranças que passaram por aquele encontro nenhuma impressionou mais do que o jovem senador paulista Orestes Quércia. Nossos companheiros da Juventude Manda Brasa ficaram eufóricos diante de tanto carisma e uma oratória extraordinária, nunca vista em Santa Catarina. Depois essa euforia foi gradativamente se transformando em decepção, uma vez que o MDB/PMDB não conseguiu ser no governo o que foi na oposição ao regime ditatorial. Esta é a conclusão fria a que chego dos fatos ao me lembrar de Tancredo, do governo Pedro Ivo Campos/Casildo Maldaner, da administração Arnaldo Schmitt/ Círio Arnoldo Vicente.

Cheguei a entrevistar Tancredo Neves para o Jornal de Santa Catarina. Naquele dia tive a convicção de que a vitória no Colégio eleitoral de 15 de janeiro estava assegurada. Mas, conclui também não ser uma vitória plena, completa. Ao ver as figuras políticas que o rodiam, logo conclui que Tancredo não era o fim de uma luta, mas o começo do fim. Ele estava por demais comprometido com os liberais/conservadores para realmente representar o ideal político que vínhamos perseguindo. Ficou claro que Tancredo para vencer no colégio eleitoral aceitou tornar-se refém de uma elite que ainda estava no poder. O mesmo pacto de morte que o socialista, e depois social-democrata, Fernando Henrique Cardoso acabou promovendo para se eleger e reeleger presidente do Brasil.

Triste sina esta dos políticos, a de serem gênios na oposição e reféns de seus adversários quando no exercício do poder.

DIREITOS E PRIVILÉGIOS

Se tivesse de apontar o principal problema da sociedade brasileira, diria sem vacilar: a confusão que fazemos entre Direito e Privilégio. É notório que ao longo dos seus quinhentos anos, o Estado brasileiro sempre minimizou a luta pela consolidação dos direitos constitutivos da cidadania, e defendeu arduamente os privilégios das elites.

Enquanto o conceito de Direito está ligada à idéia de pacto (acordo, contrato) que visa a neutralização das vontades individuais, para estabelecer a vontade e interesses de todos; o conceito de Privilégio nos leva pelo caminho inverso. Ou seja, é uma permissão especial (prerrogativa, imunidade, garantia, favor) que confere a alguém, em particular, a possibilidade de atentar contra o direito comum. Excluir ou incluir de acordo com interesses puramente pessoais ou de grupos minoritários.

O problema é que os privilégios se espalharam pelo país como praga. Vai do estacionamento cativo de uma autoridade, até o papel higiênico com qualidade diferenciada nos banheiros; vai do caixa especial para clientes especiais dos bancos, até aposentadoria integral para deputados; vai dos batedores e escoltas para desviar do trânsito caótico o carro do presidente, até aumentos diferenciados de salário. Infelizmente os exemplos são muitos e a tarefa de enumerá-los demandaria outros 500 anos.

Portanto, para colocar o Brasil na rota do desenvolvimento equilibrado social e economicamente, é necessário combater de forma intransigente e radical os privilégios. Dos menores aos maiores, sem exceção.

Quando o prefeito de uma cidade não tiver mais o privilégio de um estacionamento privativo na frente da Prefeitura, tendo que dar três voltas no quarteirão até encontrar uma vaga a quinhentos metros do seu escritório, na certa se comprometerá seriamente em resolver o crônico problema da falta de estacionamento. Quando o presidente andar pelas ruas das grandes cidades brasileiras sem o privilégio da escolta da Polícia Militar, encarando os engarrafamentos rotineiros, na certa vai pensar com mais intensidade sobre uma nova política de transporte urbano para o país.

Quando excluirmos os Privilégios e deixarmos única e exclusivamente os Direitos, ultrapassaremos a barreira do subdesenvolvimento em direção ao mundo desenvolvido. Poderíamos começar esta batalha por coisas pequenas, como por exemplo as placas que indicam “estacionamento exclusivo do senhor bacana de tal”. Simples, né? Infelizmente, nem tanto!

ESTEIRA OU BICICLETA ?

Um expressivo número de casais deve estar fazendo planos para no Natal comprar um equipamento de ginástica domiciliar. Deve também, estar em dúvida quanto ao equipamento ideal a ser adquirido e quais as vantagens e desvantagens de cada um.

Mas, é evidente que a esteira é muito mais eficiente e eficaz, uma vez que apresenta todas as vantagens da bicicleta ergonômica e ainda oferece características específicas que potencializam enormemente seu uso diário. E esta diferença pode ser constatada com apenas um simples olhar: cabe muito mais roupa em cima de uma esteira de ginástica do que numa bicicleta.

A bem da verdade, a bicicleta serve apenas como dois simples cabides (guidom e selim), enquanto que a esteira, além de ter um bom cabide (haste frontal de apoio), ainda tem uma base alongada, emborrachada, que suporta uma boa quantidade de objetos e roupas. Eu sugiro que se use como sapateira...

É claro que sua utilidade vai depender muito do ambiente da casa onde está instalada. Se o casal decidir colocar a esteira no próprio quarto, por exemplo, que no meu entendimento é o lugar ideal, dá de pendurar a roupa que se vai usar no dia seguinte, e colocar em sua base objetos variados, tais como: sapatos, bolsas, até cobertor, lençóis e toalhas que se está com preguiça de guardar no armário. Por cima de tudo isso, ainda cabem pequenas peças, como bonés, meias e soutiens. É um armário aberto. Sensacional não é mesmo?

Agora, a maior vantagem de se ter um equipamento de ginástica em sua casa é a possibilidade que seu proprietário tem de estar eternamente começando um rígido trabalho de condicionamento físico a partir de amanhã. Todos os dias quando o casal discute sobre a falta de condições físicas, inevitavelmente traçam planos para iniciar, no dia seguinte, o uso sistemático do equipamento domiciliar de ginástica. Os planos são lindos e o casal dorme de consciência tranquila, porque sabe que amanhã será um novo dia graças a sua esteira ou bicicleta. Como se pode constatar, até no fator de equilíbrio psicológico esses equipamentos auxiliam o casal.

Diante de tantas vantagens, eu decidi ter em minha casa os dois equipamentos: bicicleta e esteira. A bicicleta eu deixo no escritório atrás da casa, servindo como simples cabide para roupas que estão esperando para passar ou lavar. Já a esteira, ah, a esteira! Esta peça maravilhosa, sensacional, extraordinária. A esteira fica ao lado esquerdo da minha cama, próxima à janela, energizando nossas roupas e objetos de uso pessoal.

Pense bem, neste Natal não perca a oportunidade de ter a sua esteira ou bicicleta. Mesmo porque, a compra de um equipamento doméstico de ginástica pode representar uma economia extraordinária para quem está montando sua casa. É que a compra de uma esteira, por exemplo, evita que se desperdice dinheiro comprando um guarda-roupa, que cá entre nós, depois da invenção dos equipamentos de ginástica domiciliar passou a ser considerado um móvel grande, desajeitado, ultrapassado e caro...

FÉRIAS DE VERÃO: UM PIQUENIQUE INESQUECÍVEL

Naqueles tempos a vida era dura. A década de sessenta estava experimentando seu ocaso e Itajaí era uma pacata cidade litorânea, onde as pilhas de madeira concorriam, em altura e extensão, com as edificações mais altas. A cidade não oferecia muitas possibilidades para uma criança inovar suas férias. Ainda mais para mim, nascido em uma numerosa família classe média-baixa do bairro São João. De diferente mesmo tínhamos os passeios até a Praia de Cabeçudas, as viagens de trem pelo Vale do Itajaí e os tradicionais piqueniques.

Um desses piqueniques ficou guardado em minha memória. Minha mãe preparou a comida no dia anterior. Acordamos bem cedo, e saímos a pé do bairro São João em direção ao Morro da Cruz. Passamos horas agradáveis no local à sombra de muitas árvores, admirando a natureza quase intacta da região da Foz do Itajaí-açu e brincando, brincando exaustivamente.

Para fugir do sol forte de verão a volta foi programada para o final da tarde. Quando passávamos defronte da sede do Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drummond fizemos uma breve parada para repor as energias, à sombra de árvores frondosas. Neste ínterim, junto com mais um irmão, descobri uma colméia de abelhas entre os galhos de uma árvore. Sem pensar nas conseqüências, começamos a brincar de jogar pedras na colméia: eram “abelhas africanas”, uma verdadeira novidade para a época.

No momento em que um dos meus irmãos acertou uma pedrada, conseguindo romper parte da estrutura da colméia, as abelhas avançaram sobre o grupo, que se protegeu com roupas e até toalhas na cabeça. Todos correram pelo meio da rua Uruguai, como um “bando de loucos”. Ao lado do Atiradores ficava o Instituto do Pinho (hoje Univali), defronte existia uma grande madeireira. Para nossa sorte, o vigia percebeu o apuro em que estávamos metidos, abriu uma passagem por entre a cerca da madeireira (onde hoje fica o Dusky Lanches e o edifício Dante Alighieri) e nos livrou dos ferrões das abelhas.

O resto da semana, daquele verão impiedoso e escaldante, passamos em casa, rindo uns dos outros, por estarmos com os rostos e diversas partes do corpo inchados pelo efeito das picadas das abelhas.

Dá de esquecer umas férias dessa?

IMPrensa E História

Preocupado em se desvencilhar das inúmeras atribuições que o exercício profissional lhe impõe no dia-a-dia das redações, o jornalista tende a apresentar um olhar ahistórico sobre sua própria atividade profissional. Pensa em escrever hoje o que deverá ser lido no máximo até a noite do dia seguinte, quando tudo vira informação desatualizada. A vida útil do jornal fica reduzida a um dia, sendo que no final deste prazo, inevitavelmente, deve servir tão-somente como papel velho para embrulhar peixe ou frutas no Mercado Público Municipal.

No Departamento de Jornalismo todos estão preocupados com a última morte, o último discurso, a coletiva que deverá ocorrer no final da manhã, o balanço de final-de-tarde da polícia. Na verdade não dá tempo de pensar em mais nada, sequer no papel histórico do fazer jornalismo, na importância que um jornal tem para os pesquisadores que catam informações com o objetivo de recuperar a memória de sua comunidade.

Aqueles que fazem jornal, não conseguem perceber a importância histórica de um anúncio, uma foto, um texto. O Departamento Comercial vê o anúncio como “faturamento”, o Departamento de Jornalismo vê uma foto ou texto como informação para o dia seguinte, enquanto o Departamento de Distribuição vê o jornal não vendido como estorvo, lixo, sucata. Ninguém consegue ver aquele jornal cinquenta anos depois compondo o acervo de um arquivo histórico.

Acontece que o jornal é a fonte primeira de praticamente muitas pesquisas históricas. Por isso mesmo todo proprietário de jornal tem o dever cívico de preservar a memória de sua empresa, porque está preservando também, e em especial, a memória da própria comunidade. Uma coleção de jornal não tem preço, apesar de muitas vezes ser vendida como papel velho para reciclagem ou para mercados e quitandas existentes nas esquinas de nossa insensibilidade histórica.

Todo jornalista deve ter consciência de que não está trabalhando com uma matéria de consumo rápido e vida útil reduzida. Deve ter consciência de que ao escolher qual informação merece prioridade, qual matéria tem lugar garantido no jornal, está selecionando o que deve e o que não deve ficar registrado para a história.

Assim, o jornalista passa a ser duplamente construtor da história: como aquele que relata os acontecimentos e, como aquele que julga, seleciona o que deve e o que não deve ser impresso e guardado nos arquivos da comunidade. Muitos ainda, ficam com uma terceira função histórica: a de julgar se o jornal, enquanto documento histórico, deve ou não ser preservado.

A nossa memória histórica tem sempre as digitais de um jornalista. Todo jornalista é naturalmente um historiador e o problema maior reside no fato de que a maioria absoluta deles não têm a mínima noção desta relação entre jornalismo e história.

INFÂNCIA DE VERDADE

Naqueles tempos nada era fácil. Tudo, absolutamente tudo o que se precisava era fruto de muito esforço, empenho pessoal e uma dose muito grande de criatividade.

Como nasci em uma família numerosa e de poucas posses, todos os nossos brinquedos eram confeccionados por nós mesmos. Utilizávamos restos de materiais que encontrávamos no lixo da fábrica de móveis Crasal (couro, madeira, prego, pelica, napa); na oficina mecânica do Bittencourt (fios de cobre e demais metais); no posto de gasolina da rua Blumenau (lata vazia de óleo e filtro de óleo, elástico de câmara dos pneus de bicicletas), e assim por diante....

Era com esses materiais que tecíamos diariamente nossa felicidade. Com o elástico cortado em tiras fazíamos fundas para caçar e revólveres que soltavam espoletas de madeiras. Com galhos de "chorão" fazíamos arcos e flechas. Com latas vazias fazíamos carrinhos. Com sarrafos velhos fazíamos espadas, lanças e até pernas-de-pau. Um pedaço de bambu colado na seda ou papel vegetal era suficiente para fazermos pandorgas, pipas e estrelas coloridas. Tínhamos carrinhos feitos de tocos com rodas feitas do cabo de vassoura ou champinhas.

Até a bola era de confecção caseira, à partir de uma meia velha furada, ou da bexiga de um porco morto nas imediações. Um pouco mais sofisticados eram os carrinhos de rolimãs. Mas estes acabavam não tendo muita utilidade uma vez que era difícil encontrar um lugar calçado. As ruas do bairro São João eram todas de barro.

Fora esses brinquedos valia muito também a amizade e as brincadeiras em grupo, como pega-ladrão, esconde-esconde, etc. Comprados mesmo só a bolinha de gude, o peão e a fieira. Só muito depois é que apareceram em nossas vidas brinquedos comprados em lojas: uma bicicleta. Lembro muito bem também do primeiro carrinho que apareceu na rua feito de plástico. Era feito de um plástico transparente, mais borrado do que pintado, com rebarbas sobrando nas emendas, dando um péssimo acabamento. Soltava as rodas com muita facilidade e não durava nada.

Nessa questão de brinquedos industrializados podia me sentir um grande felizardo já que meu pai ficou embarcado no Lloyd e até viajou com certa regularidade para a Europa. Foi de lá que trouxe algo muito cobiçado por todos os meninos do bairro, a carambola. Todas as crianças queriam jogar tilica comigo e meus irmãos, para arriscar ganhar uma dessas preciosidades.

Peraltas, fazíamos também cobras de pano velho, que amarrávamos a uma linha fina para puxá-la sorrateiramente quando uma pessoa mais distraída passava na rua ao cair da noite. Essa

brincadeira era mais freqüente no final das tardes de inverno. Naquele tempo não tinha esse negócio de brincar na rua à noite. Geralmente às oito horas estávamos todos dormindo profundamente.

Assim foi que aprendi a construir a minha felicidade. Sem sofisticação, aprendendo a arte do possível. Nesses tempos não sabia o que era mais agradável: se brincar ou construir meus brinquedos. Acho que os dois, de forma harmônica. Era incrível fazer uma pandorga estrela e era igualmente incrível vê-la colorindo o céu das minhas tardes de infância. Quando subiam, é claro.

Aprendi a construir minha felicidade deste jeito. Levei vantagem sobre as crianças de hoje, sem dúvida, porque no meu mundo se as nuvens encobriam as estrelas, eu as produzia com papel de seda e as punha no alto para iluminar a minha existência.

ESTRELA DE MENTIRINHA, INFÂNCIA DE VERDADE.

INTERNET COM PNEUS

Tive a oportunidade de participar em novembro de 1998 de um curso sobre novas tecnologias, via Internet, oferecido pela Universidade de Lund - Suécia, em convênio com a Furb de Blumenau.

Após ler uma dezena de textos em espanhol, receber várias dezenas de e-mail, e de enviar outros tantos, trocar textos via computador e até responder chamada sem sair de casa, resolvi me rebelar e coloquei pneus na minha Internet.

Peguei o carro, numa quarta-feira dessas carregadas de tédio, e fui para a estrada decidido a ver as caras dos meus parceiros virtuais. Queria mostrar a minha também. Dizer "Olá !" Olhar nos olhos deles, ver seus jeitos, detalhes, defeitos...

Cheguei na Furb por volta das catorze horas e encontrei o grupo já reunido. Durante o debate sobre os textos que foram indicados para serem lidos naquela semana, não resisti e passei a observar atentamente cada uma das pessoas ali presentes. Um mais falador. Um mais inseguro. Um com linguajar mais técnico - positivista. Todos de carne e osso. Cheios de pequenos defeitos. Em síntese: humanos.

Tanto na viagem de ida quanto na de volta, observei atentamente a paisagem do Vale do Itajaí, o rio Itajaí-Açu, a rodovia Jorge Lacerda margeada por plantações de arroz e cana, a BR-101 (em obras) esquecendo em um canto qualquer o leito natural do rio Canhanduba. O céu nublado, uma senhora e sua bicicleta velha já descorada, colegiais saltitando no caminho para a escola ...

Ao chegar em casa liguei meu computador e continuei a vida, agora sabendo que o mundo virtual tem seu correspondente no mundo real. Constatei o mesmo que Platão já havia constatado há cerca de dois mil anos antes na "Alegoria da caverna".

Que o mundo seja sempre assim, criando rebeldes que transitem com liberdade entre o virtual e o real. Enquanto isto ocorrer a humanidade pode ter esperanças de um mundo melhor. Difíceis serão os tempos em que nossos jovens se recusarem sair do mundo virtual de seus computadores e seus próprios pais não saberem mais como se desliga um filho da tomada.

JORNALISMO CLONADO

Desde a Segunda Grande Guerra que o jornalismo americano vem impondo o seu modelo de “fazer notícia” para o mundo ocidental. De uns tempos para cá, contudo, parece que o processo de clonagem acelerou de uma forma espantosa. Tudo o que temos na mídia é cópia fiel de alguma idéia que experimentou relativo sucesso junto à mídia americana. Desta tendência de clonagem não escapou nem programas tidos como mais criativos ou inteligentes como o Programa do Jô ou o polêmico No Limite, da Rede Globo de Televisão.

A mesma afirmação vale também para as revistas semanais, como a Veja e Isto É, e os jornais Folha de São Paulo, Zero Hora, Diário Catarinense. Tudo clonado. Uma invasão de clones, que na certa está fazendo o espírito de Aldous Huxley rir a não poder mais, de tal sorte a ter de colocar a mão sobre a barriga e até lacrimejar.

O noticiário da televisão é um clone primário. Tão primário que chega a ser ridículo. Copiam os quadros sem atentarem para o óbvio: o Brasil não é os Estados Unidos. Pior, nossos fundamentos sócio-econômico-político-histórico-cultural apresentam diferenças observáveis a olho nu. É só querer ver.

Uma dessas miopias crônicas dos nossos produtores culturais pode ser observada nos jornais de todas as tevês brasileiras. É o destaque que elas dão para o movimento na bolsa de valores. Em um país onde meia dúzia de endinheirados especulam no mercado de ações, os jornais eletrônicos chegam a gastar minutos apresentando o movimento das bolsas pelo mundo e as crises que ocorrem no mercado de ações dentro dos Estados Unidos ou na Turquia.

Acontece que os Estados Unidos possuem cerca de oitenta milhões de cidadãos que investem direta ou indiretamente na bolsa. Como lembra Alan Greenspan (Presidente do Federal Reserve Dos EUA):

“[...] quase um terço da população, têm dinheiro aplicado nas bolsas de valores. Muito dinheiro. Calcula-se que 45% da renda de um lar americano típico esteja no mercado acionário [...] o que se passa com as ações é do maior interesse para os rumos da economia popular”.
(Revista Veja, 13/dez/2000)

Quer dizer, a maioria absoluta dos americanos legítimos, incluídos nas classes ricas e médias, têm a prática cotidiana de investir na bolsa. Logo, os jornais prestam um grande serviço promovendo boletins diários sobre a movimentação dessas ações.

Agora, você conhece alguém que já investiu suas economias na bolsa? E esta elite, uma minoria de privilegiados assistem esses jornalécoss clonados da tevê brasileira? Ou será que eles estão ligados via satélite, tevê a cabo, internet, em tempo real com as bolsas de Nova York, Tóquio, Frankfurt e Londres? Então, se a maioria não tem dinheiro aplicado na bolsa, e a minoria que tem dinheiro aplicado usa meios mais sofisticados tecnologicamente para tomar suas decisões, para que servem essas informações que a tevê nos repassa sobre a movimentação da bolsa? Para nada!

Mas este, infelizmente é apenas um exemplo do quanto nosso jornalismo não nos informa. O pior é constatar que além desse jornalismo clonado não informar adequadamente, ainda nos tira por completo o senso da realidade. Quer dizer, o Brasil que passa na tevê não é um Brasil Real. Plin ! Plin!

MAREJADA E PLURALIDADE CULTURAL

Nestas férias tive a alegria de ler um pouco mais de uma dezena de livros. Machado de Assis, Lima Barreto, Juventino Linhares, Voltaire, Crônicas de autores diversos, e os livros editados pelo ministério da educação sobre os *Parâmetros Curriculares Nacionais* - mais especificamente sobre os *temas transversais*. Ao ler *O Que a Memória Guardou* de Juventino Linhares, não pude deixar de fazer uma ligação direta entre a história de Itajaí e a proposta educacional do governo federal quanto aos temas transversais, que fala, entre outras coisas, de pluralidade cultural, ética e cidadania, democracia e da necessidade de ensinar nossas crianças a respeitar a diferença, a serem tolerantes. Esse paralelo levou-me diretamente a refletir um pouco mais a fundo sobre o sentido social das festas de outubro, de forma particular a nossa Marejada. As conclusões a que cheguei me deixaram de certa forma intranquilo.

Fiquei intranquilo em especial porque vejo que as festas de outubro em todo o Vale do Itajaí têm como fundamento uma idéia cuja lógica é contrária à lógica dos *Temas Transversais*. Ou seja, as nossas festas estão uniformizando, segregando, discriminando (aqui estão os italianos, ali os alemães, acolá os açorianos, etc). Uma cidade como Itajaí, que recebeu a contribuição marcante de diversas culturas, que acolheu de braços abertos ao longo de sua história pessoas de todas as nacionalidades, hoje corre o risco de ficar conhecida como uma cidade de cultura única - a açoriana, apesar de seu povo carregar nos nomes a saga de imigrantes diversos, como as famílias belgas dos Maes, Coninck, Vanzuíta, Vilain e Maba; a suíça Heusi; as francesas Melim, Lamim, Pires, Bittencourt, Cugnier, Boiteaux, Deschamps e Taulois; as italianas como os Sandri e Colares; Sírias como os Schead e Fóes. Na cidade açoriana de Itajaí fica quase impossível relacionar todas as famílias de origem alemã. São os Kruger, Pfeilsticker, Rothbarth, Leutz, Schroeder, Asseburg, Witt, Beckert, Heil, burghardt, Muller, Lippmann, Weber, Eicke, Willerding, Kleine, Klotz, Adam, Voight, Wendhausen, Breitenbauch, Malburg, Klein, Kleis, Blase, Schmitt, Wohlke, Hunt.

Não teria mais fim uma nominata tentando relacionar as famílias cujas origens ultrapassam os contornos das ilhas açorianas. Ao festejarmos nossas tradições com pirão e peixe frito, temos de tomar muito cuidado para não estarmos discriminando quem contribuiu de forma decisiva, com seu trabalho, suor e determinação, para que a cidade de Itajaí hoje seja exatamente o que é: uma cidade próspera, bem querida por todos, onde "Há lugar para todos" e até "o povo decide o rumo". Numa cidade de cultura única, a açoriana, onde ficam os Reiser e a saga vencedora dos Russi e dos Bauer? Que dizer das famílias Tzaschel, Gazaniga, Garcia, Olinger, Schoenau, Zaguini, Zimmermann, Kock, Nieburh, Konder, Bornhausen, Werner, Schneider, Hansen, Fischer, Gervaerd, Currlin, Herbst, Rodi, Gall, Scheeffeffer, Fleischmann?

Não sou contra as festas de outubro. Entendo que elas cumprem um papel importante na atividade econômica que abraçamos - o turismo. Sou daqueles que cada vez mais se entusiasma com a idéia de Itajaí voltar-se para a exploração da atividade turística. Esta atividade traz benefícios tão evidentes ao nosso povo que parece ser dispensável defendê-la. Apenas como educador entendo que temos de tomar certos cuidados com a questão cultural, para que ela, lá na frente, não caia sobre nós como um grande problema.

FUTEBOL, RELIGIÃO E MARKETING

Li com total indignação as "páginas amarelas" da revista Veja de 9 de junho. O entrevistado da semana era o marketeiro Antônio Miguel Kater Filho, que reclamava do fato de que as igrejas católicas "vendem muito mal o seu produto", ou seja, a salvação de seus fiéis. O título da entrevista por si só é uma afronta ao bom senso: "Como vender a fé". Perguntado se a Igreja Católica sabia vender seu peixe (produto), Antônio Kater não vacilou, respondendo em um tom técnico: "Muito mal. Não deveria ser assim porque a Igreja opera em condições muito favoráveis. A base do Marketing está no que chamamos de quatro "pês" (produto, preço, praça e promoção). A religião católica tem o melhor produto do mundo, que é a salvação. O preço também é incomparável. A salvação é gratuita e já existe para todos que nascem. A praça, ou os pontos de distribuição, também são um ponto forte. O problema da Igreja é que ela não sabe fazer promoção."

Por outro lado, assistindo ao jogo entre Palmeiras e Deportivo de Cali, valendo o título da Copa Libertadores da América, não pude deixar de observar um fenômeno que está se tornando cada vez mais corriqueiro nos nossos meios de comunicação em geral, mas especialmente nos programas de televisão e rádio dedicados exclusivamente ao futebol: no final dos jogos, os craques rezam obstinadamente e no lugar de falar do jogo, dão depoimentos de agradecimento a Jesus. Depois de ver um por um dos craques, dando o mesmo tipo de depoimento, acabei relacionando as duas coisas (marketing religioso e depoimentos).

Quer dizer, se a Igreja Católica está "pecando" porque não utiliza as mais modernas técnicas de marketing para vender o seu "produto" o mesmo não podemos falar de determinadas seitas e religiões concorrentes. Elas estão fazendo um verdadeiro cerco aos craques de futebol, para que eles virem seus garotos-propaganda, a exemplo do que ocorre há muito tempo nos Estados Unidos com os artistas de Hollywood em relação as seitas extravagantes. Cléber, Zinho, Marcelinho, Muller, são alguns desses novos arautos da fé. Na ingenuidade que lhes é peculiar, acabam não percebendo que caíram em uma malha. Foram escolhidos para serem pastores, não por sua fé em si, mas por sua posição favorável diante da mídia (acesso livre e facilitado que possuem junto aos grandes jornais e redes de televisão e rádio).

O futebol deixou de ser uma arte para ser mais uma atividade comercial. Os clubes, que nasceram no Brasil pela iniciativa das suas comunidades, estão se tornando clubes-empresas. Desta forma, tudo no futebol passou a ser decidido nas salas de reuniões dos executivos das grandes corporações multinacionais, como a Parmalat e Nike. Nos tempos atuais tudo virou produto, incluindo futebol e religião. Os garotos-propaganda desses novos produtos sequer sabem o que estão vendendo. São completamente ingenuos e por isso, são usados descaradamente por espertinhos do marketing.

Tenho saudades da era Pelé, onde nosso ídolo se conformava em vender Vitasay e Pepsi-Cola.

MEU POETA

Pela passagem do dia da poesia, neste início do mês de março, fiquei a pensar sobre como a poesia entrou em minha vida. Lembrei então que aprendi a gostar de poesias na minha infância, principalmente ouvindo meus amigos de escola recitando Castro Alves, Olavo Bilac e Gonçalves Dias, nas solenidades cívicas. Os versos me envolviam tanto que perto dos treze anos já tinha um caderno cheio de poesias de minha própria autoria.

Mas foi na juventude que encontrei um poeta com o qual me identifiquei completamente. Foi amor à primeira vista. Em meados dos anos setenta frequentava com certa regularidade a casa de José Darcy da Silva Júnior, o principal líder do Grupo Folk de Teatro. Ali conheci a obra do poeta português Fernando Pessoa, que era cultuado pelo próprio Darcy e os amigos Carlos Alberto Niehues, Eduardo da Hora, Renato César Bini. Foi ali também que pela primeira vez assisti alguém recitar com desenvoltura e competência as poesias de Fernando Pessoa, era o jovem professor Renato Wohlke, tio de José Darcy.

Anos mais tarde, quando a maioria dos integrantes do Grupo FOLK já estava estudando em Curitiba, tive a oportunidade rara de assistir Walmor Chagas apresentar, no auditório da reitoria da Universidade Federal do Paraná, um espetáculo composto exclusivamente de poesias de Fernando Pessoa. Inesquecível. Dia desses ainda tive a oportunidade de ver e ouvir Valentin Schmoeler, recitar na Casa da Cultura de Itajaí, justamente um verso daqueles recitados por Walmor Chagas tempos atrás, foi como se o tempo tivesse voltado em toda a sua trajetória. Era o oitavo poema do *O Guardador de Rebanhos*, que recebe a assinatura de Alberto Caiero.

Ao declarar minha preferência por Fernando Pessoa, não estou com isso querendo desfazer outros poetas, que admiro e leio com certa regularidade, como é o caso de Gonçalves Dias e seu I-Juca-Pirama; Castro Alves e O navio negreiro; Cecília Meirelles e Canção; e tantos outros, como José Lins do Rego, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Cruz e Souza. O meu poeta nacional preferido é Oswald de Andrade, e o melhor dos latinos-americanos considero Pablo Neruda. Da terra tenho especial admiração pela poetisa Liane dos Santos. Mas, Fernando Pessoa é universal, está além de nacionalidade ou tempo histórico.

De tudo o que li do poeta português é justamente o trabalho *O Guardador de Rebanhos*, datado de 1911-1912, que mais admiro. Assinado com o heterônimo de Alberto Caiero, seus

versos entraram em minha vida em um momento de pleno niilismo, coincidência que me levou a experimentar uma total sintonia com o autor.

"Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo".

Na verdade não deixa de ser um antagonismo, um contra-senso de minha parte, uma indisfarçável incoerência, contradição, gostar de Fernando Pessoa. Eu, que sempre me coloquei como um adepto fervoroso da literatura engajada, politicamente correta, usando a literatura sempre em tom de discurso, utilizando a literatura como arma na luta em favor dos desfavorecidos. É que Castro Alves, por exemplo, entrou na minha vida ainda na fase da inconsciência intelectual. Ele foi uma influência por osmose, sem racionalidade, sem paixão, por ouvir os outros recitarem nos pátios das escolas durante as cerimônias cívicas. Só muitos anos depois, quando eu já estava mais do que na idade adulta voltei a ler *Espumas Flutuantes* e *Os Escravos*.

Deixei Fernando Pessoa de lado, como poeta principal, para colocar em seu lugar a militância artística de Castro Alves, por entender que antes de tudo o poeta soube ser um cidadão. Esse é o exemplo que eu gostaria de dar a todos que me lêem. Gostaria de mostrar que antes de escrever, antes de fazer versos, eu sou um cidadão preocupado comigo e com os outros; com minha propriedade e com a propriedade pública - mais preocupado com a propriedade pública do que com a minha, obviamente. Acho que Castro Alves resume tudo o que penso sobre arte e sobre como deve ser um artista. Castro Alves é o condor de nossa pátria. Acima dele, plaina altaneiro o espírito universal de Victor Hugo.

NAS ONDAS DO RÁDIO

Estamos em plena Revolução Tecnológica. A cada dia surgem novas e extraordinárias tecnologias, facilitando de todas as formas possíveis a comunicação entre as pessoas. Internet, celular, antenas parabólicas, tevê a cabo, fax ... é uma infinidade.

Contudo, parece que essas novas tecnologias não conseguiram desestruturar as tradicionais formas de comunicação, como é o caso do rádio. Muito pelo contrário, nunca o rádio esteve tão presente na vida das pessoas. A verdade é que ele deve crescer na preferência das pessoas nos próximos anos, porque ele é prático e ágil.

Enquanto ouvimos rádio, podemos estudar, cozinhar, lavar a calçada da casa, dirigir ou curtir o por do sol. O rádio é uma tecnologia menos egoísta, que exige menos do seu receptor. Ao contrário da televisão, por exemplo, que exige fidelidade total de seu espectador: ouvir, ver, prestar atenção e fazer silêncio; ou, da Internet, que exige muito conhecimento técnico, além das exigências tradicionais da televisão. Com o rádio não, basta ligar e curtir.

No lugar de acabar com o rádio, as novas tecnologias deram ainda mais agilidade e dinamicidade a este veículo de comunicação, deixando-o mais próximo da sua comunidade. Agora, qualquer ouvinte que tem telefone celular ou convencional, passou a ser um informante em potencial. E a notícia pode ir ao ar imediatamente sem a necessidade do deslocamento de câmeras ou qualquer outro equipamento. Basta um celular para o rádio se inserir na comunidade, estar próximo das pessoas. Ele continua sendo um instrumento de entretenimento. Contudo, cada vez mais sua vocação está se voltando para o setor de serviços. Principalmente as emissoras que transmitem em AM, que não podem competir, ainda, em fidelidade de som com as emissoras em FM.

Particularmente costumo ouvir rádio. Lembro do tempo que acompanhava os jogos do Santos (de Pelé) em um grande rádio que ficava em cima de uma cristaleira. Agora, só fico em dúvida, se o aparelho que era enorme ou eu que era muito pequeno. Mas, isso também não tem muita importância, não é mesmo? O importante é constatar que o rádio continua presente em nossas vidas. Cada vez mais presente. E pelo visto, prestando um grande serviço à comunidade.

O rádio é o meio de comunicação mais ágil, mais barato e mais democrático. É também o veículo mais próximo das pessoas. Elas se sentem à vontade para telefonar e pedir uma música, darem um recado, brincar, responder perguntas, serem entrevistadas, protestarem contra uma autoridade “Botando a Boca no Trombone” ou participando da “Hora da Bronca”, “Sem Censura”..

Eu gosto de ouvir rádio. E você?

NÓBREGA FONTES E OS FESTIVAIS DE INVERNO

Os Festivais de Inverno de Itajaí ocorreram nos finais dos anos 70. Nóbrega Fontes era um intelectual iluminado, com um extraordinário trânsito junto ao Governo Federal e em especial junto ao Governo Carioca. Utilizava dessas influências para obter recursos para propiciar a Itajaí uma efervescência cultural nunca vivenciada em toda a sua história.

Estávamos em plena ditadura e o município de Itajaí era governado por prefeitos da ARENA/PDS. Como jovem idealista e rebelde acabava sendo um ferrenho adversário do governo municipal. Na época trabalhava no jornal A NAÇÃO, dos Diários Associados, que depois de falido se transformou em JORNAL DE ITAJAÍ, sob a batuta do jornalista Renato Mannes de Freitas.

Apesar de ser um fervoroso adversário do sistema nunca deixei de cultivar uma profunda admiração por Nóbrega Fontes e sua excepcional capacidade administrativa. No final dos eventos culturais incluídos na programação dos festivais muitas foram as vezes que frequentamos (eu, Fontes e Emerson Ghislandi) o bar Dinamarca - a grande paixão de Nóbrega Fontes. Outras tantas vezes tomávamos a tradicional canja da meia-noite servida no restaurante 1040, que ficava em frente à igreja matriz.

Nunca misturei a minha amizade com Nóbrega Fontes e a política. Tanto isso era verdade que foram muitos os protestos que liderei ou participei pedindo que o Festival de Inverno fosse transformado em Festival de Verão, e que seus eventos deixassem o centro da cidade e ocupassem espaços nos bairros, aproximando-se mais do povão.

Anos mais tarde, no primeiro governo Arnaldo Schmitt estava diante de realizar o sonho de promover um Festival de Inverno mais popular, com atrações nos bairros. Para nosso azar (ou sorte, porque não estávamos preparados para realizar um evento que superasse os promovidos por Fontes) abateu sobre Santa Catarina a grande enchente de 83. No ano seguinte uma nova enchente voltou a castigar Itajaí, fazendo com que novamente os planos fossem adiados, e posteriormente esquecidos. Na época tínhamos a estratégia de primeiro fazer o festival sair dos salões e ocupar as ruas da periferia; depois, transformá-lo em um Festival de Verão. Para amenizar a reação da oposição pensávamos em fazer isso em dois momentos distintos. A chuva não deixou...

De qualquer forma o Festival e Nóbrega Fontes contribuíram para o conceito que tenho sobre a arte e os intelectuais, e de uma forma muito direta foi a forja de inúmeros artistas itajaienses. Nós reclamamos muito, porque era necessário usar todos os espaços na luta contra a ditadura, mas valeu. Tanto os festivais, quanto aprender a reclamar. Afinal, a vida é nossa escola.

O CRONISTA E O BOBO DA CORTE

Nunca escondi minha paixão pela obra de Shakespeare. Dizer que suas peças são geniais é tão óbvio quanto falar que água molha. Mas, entre as muitas genialidades que encontro em Shakespeare destaco o valor que dá ao Bobo da Corte. Na peça Rei Lear, por exemplo, o bobo representa a consciência do rei. Qual seja, todos os aristocratas, nobres, religiosos, são obrigados a demonstrar sua adesão incondicional às vontades e idéias do rei (que mantém sobre as pessoas um poder absoluto, inquestionável) menos o bobo.

Na monarquia absolutista a palavra do rei era a palavra de Deus. Contudo, um ser humano inexpressivo, sem título de nobreza, sem vínculos com a poderosa igreja, de quem todos riam indistintamente (nobres e plebeus) tinha a liberdade de dizer a verdade ao rei. Mesmo que esta verdade fosse amarga e viesse a contrariar a vontade do monarca, o Bobo da Corte tinha o direito exclusivo de dizê-la, e na frente de todos sem correr o risco de ser punido.

Nos tempos modernos, trocamos a monarquia pela república e o Bobo da Corte pelo Cronista. Cercado por uma horda de puxa-sacos que não ousam contrariá-lo sequer em pensamento, o político que detém cargo público é quase um rei absoluto. Todos concordam com suas idéias de forma incondicional. E de tanto ver suas “verdades” virarem “verdades absolutas” estes monarcas modernos acabam acreditando serem fontes inesgotáveis da verdade, perdendo ao longo do exercício do seu mandato a consciência da realidade e, mais no final, sua própria consciência. A partir daí, quem ousa contrapor-se à verdade do governo perde o emprego, como em tempos idos perdia a cabeça. Restou a todos os cidadãos sensatos, então, ouvirem o bobo moderno, o Cronista.

Com humor e ironia, o cronista tem o privilégio de dizer as verdades “doa a quem doer”. Neste sentido, podemos afirmar que a nossa sociedade está necessitando de verdadeiros bobos. Temos muitos nobres que se vestem de analistas, comentaristas, colunistas e jornalistas, mas nenhum se vê íntimo suficiente para ser a consciência do senhor do poder. Ninguém se vê bobo o suficiente para dizer a verdade em público para que todos possam rir alegremente dos seus governantes. Quem, entre os nossos jornalistas, articulistas, colunistas, terá a coragem de um dia dizer em público: - “O prefeito está nu !”?

OBS: artigo baseado em reportagem de Beth Néspoli de O Estado de São Paulo.

O JANJA TÁ MAL !

"Há males que vem pra bem" já sentencia o dito popular. Entre estes males podemos relacionar a mentira. Isso mesmo: a mentira é um mal necessário. Temo não ter sido possível construir a civilização sem a providencial invenção da mentira. Ela é de tão fundamental importância para a sociedade que chegamos a educar nossos filhos sobre o seu uso correto. Isso se faz necessário porque, "infelizmente", o homem não nasce mentiroso, exceção feita aos pescadores.

Talvez seja este um grande divisor de águas entre uma pessoa bem educada e uma pessoa mal educada. A pessoa bem educada, sabe como ninguém a arte da mentira. O domínio desta arte também separa as crianças ingênuas do jovem auto-suficiente. Saber mentir socialmente é uma arte, que deve ser ensinada para o bem comum. Deus me livre do convívio das pessoas que não sabem mentir, pois elas são simplesmente insuportáveis.

Lembro muito bem quando meus pais me ensinaram a mentir socialmente. Foi um aprendizado doloroso, até mesmo traumático. Morava no bairro São João e estudava no Colégio Henrique da Silva Fontes, assim como todos os demais jovens da rua Max. Tinha um vizinho de nome João Batista (conhecido pela alcunha de Janja) que no final de ano foi transferido para o internado do seminário de Ascurra.

No ano seguinte fui estudar no Colégio Salesiano e o professor Cosme Busarello resolveu nos presentear com um passeio de trem e uma visita ao seminário de Ascurra. Lá encontrei o meu amigo Janja. Conversamos um pouco, entreguei-lhe os presentes que sua família enviara por meu intermédio e passei todas as mensagens e recomendações. Entre estas recomendações estava a de perguntar para o Janja como ele estava, se estava feliz, comendo bem, e todas as demais perguntas que uma mãe gosta de fazer a um filho que se afastara dela.

De volta à Itajaí, mal conseguira colocar os pés dentro de casa e lá veio correndo para o portão da minha casa a mãe do Janja. Ansiosa, apreensiva, sequer conseguia esconder seu nervosismo e expectativa. "E daí, conseguiu falar com meu filho? Como ele está? Está bem? Está comendo?.....". Não consegui responder suas perguntas. Eram tantas e formuladas sucessivamente com tal ligeireza que era impossível dizer uma palavra sequer.

Quando ela terminou de fazer perguntas eu respondi. Ou melhor, lhe fiz um relatório, nos seguintes termos: "Olha, o teu filho tá mal. A verdade é que o Janja tá mal. Tá péssimo....". Nisso minha mãe que estava ao meu lado, e percebeu o jeito triste que a mulher estava ficando, deu-me

um tremendo beliscão. Eu, espontaneamente soltei um "Ái " de dor. Ela fez que não percebeu e quis saber mais. Eu continuei relatando: "Olha, o cara não tá comendo legal (ái !). Ele até emagreceu um pouco (ái ! áí!)". Na medida em que eu ia falando, minha mãe ia me beliscando, dando cotovelada e até chute no meu calcanhar. Não adiantava, eu não estava entendendo que era para parar. Ou melhor, era para mentir um pouco, ou não dizer as minhas "verdades".

No final lá saiu a mãe do Janja, cabisbaixa, acho que chorando. E eu também sai cabisbaixo, triste de tanto beliscão que levei, fora os sermões que duraram a semana inteira. Acabei tendo aulas intensivas de como mentir socialmente. Eu mesmo fiquei muito tempo me auto-censurando, porque diante do conteúdo do meu relatório a mãe do Janja correu para tirar o meu amigo do seminário. Hoje ele é um empresário e eu ainda me sinto em dívida com a igreja por lhe ter tirado um padre.

Para tentar amenizar esta dívida jurei , aos pés da imagem de São Sebastião que tem ali na igreja da matriz antiga, que nunca mais iria fazer aquilo de "dizer a verdade, somente a verdade, nada mais do que a verdade". E que Deus perdoe a todos nós os pecadores. Afinal, a mentira também lhe é conveniente. Porque, tivesse eu mentido e o Janja hoje seria padre, não é verdade?

O "MARINHEIRO" MORREU AFOGADO

Nunca vi na minha vida um time de futebol pior do que o Marcílio Dias da década de noventa. Chamar seus jogadores de pernas-de-pau é admitir que eles têm pernas, logo, é um grande elogio.

Algumas pessoas, para meu consolo nem tantas assim, defendem a idéia de que a prefeitura deve usar o dinheiro do contribuinte para dar à cidade um time de futebol da qual o itajaiense tenha orgulho. É óbvio que essa idéia é mais do que ridícula. Não que o poder público não deva gastar seu dinheiro com o esporte, muito pelo contrário, sou daqueles que entendem que todo o dinheiro gasto com esporte é, por princípio, um dinheiro bem gasto. Agora, alimentar viciado em bola, não é investir em esporte.

Que a prefeitura use esse dinheiro que gasta com o "marinheiro" com quadras poliesportivas nas escolas, campeonatos de modalidades amadoras, arrumando os campinhos de várzea. Este é o conceito de esporte que o poder público tem o dever de ajudar. Ou seja: aquele em que as pessoas participam, são ativas. O esporte espetáculo (?) leva a maioria à passividade, ao vício, ao comodismo. É, por todos os ângulos possíveis algo a ser combatido, porque educa para a passividade.

O esporte que deve estar vinculado ao poder público é o esporte amador, sem qualquer vínculo comercial, empresarial, profissional. E esses profissionais do futebol que tenham a capacidade de conseguir pelo menos o seu próprio sustento, através do seu trabalho. Agora, se isso não é possível jogando bola, que peguem no pesado como faz a maioria do povo brasileiro.

Esporte sadio é aquele que é praticado e não aquele produzido como mercadoria para ser consumido junto com amendoim e cerveja, por homens cada vez mais barrigudos e com a saúde totalmente comprometida pela alta taxa de colesterol.

Marcilista, desça da arquibancada e pratique esporte. No lugar de ficar sentado em uma desconfortável cadeira numerada, como se estivesse na arena romana, reúna uns amigos, compre uma bola e conquiste uma vida saudável

E o Marcílio Dias ? Ora, marinheiro que não sabe nadar...

O MELHOR ESTÁ NA PROPAGANDA

Em tempos de Tiazinha, onde até as notícias viraram um simples e banal "show da vida" nunca consegui me entusiasmar com a programação oferecida pelas emissoras de televisão aberta (Globo, Manchete, SBT, Record, Bandeirantes). Tentando fazer as pazes com esse importante veículo de comunicação, até porque como professor de Sociologia da Comunicação do Curso de Jornalismo sentia a necessidade de ver um pouco o que pintava de novo na telinha, acabei adquirindo um sistema mais sofisticado de transmissão de TV por assinatura, do Grupo Abril, de nome fantasia DIRECTV. Mas, foi um equívoco, porque continuo não conseguindo encontrar na grade de programação algo que realmente me satisfaça.

Como toda regra tem sua exceção, dia desses deparei com uma agradável surpresa na Rede Globo de Televisão: a série especial CHIQUINHA GONZAGA. Há muito não conseguia arranjar paciência para acompanhar diariamente uma história. Já nem consigo me lembrar mais da última novela que acompanhei ou do seriado cujos personagens conseguia identificar pelo nome. Será que foi Zorro, Bonanza ou Perdidos no Espaço?

Mas, vendo Chiquinha Gonzaga percebi uma coisa muito interessante na televisão, se a programação é ruim, ou até mesmo péssima, sofrível, o mesmo não podemos falar com relação às propagandas. A partir daí passei a assistir televisão em horários diferenciados, para acompanhar as propagandas. Realmente algumas são verdadeiras obras de arte e merecem nossa atenção. Particularmente gosto da propaganda da Embratel com os três meninos fazendo propaganda do sistema DDD e DDI. É uma propaganda muito mais engraçada do que a maioria dos programas de humor que alguns canais insistem em manter no ar, tais como *Chaves*, *A Praça É Nossa*, *Escolinha do Barulho* etc.

Tem ainda as propagandas da Pepsi, uma com o tenista Guga Kuerten e o jogador de futebol Denilson; outra com o ator Global (Chiló) Selton Mello. As propagandas da Brahma e o seu Tsssss! Com a concorrente Skol não deixando por menos, fazendo ironia sobre a cerveja que desce redonda e a que desce quadrada. Ver uma mulher quadrada é obra digna do surrealismo dos mestres Salvador Dali e Juan Miró. Mas a propaganda das Havaianas com Luana Piovani também me faz soltar um sorriso espontâneo, enquanto que a propaganda da Wella, com um casal dançando tendo uma laranja entre seus corpos, me transmite pura sensualidade.

Então fica dito: entre *Tiazinhas*, *Feiticeiras*, *Banheira do Gugu*, *Faustão*, *Xuxa*, *Muvuca*, *Chiquititas*, *Ratinhos* e *Leões*, preste um pouquinho mais atenção nas propagandas. Na hora dos programas saia para ir ao banheiro ou vá na cozinha pegar algo para comer. Entre os intervalos dos comerciais quem sabe você até pode aproveitar para conversar com seus familiares, prática que foi retirada abruptamente de nossos lares justamente pela televisão. Aí, aliás, está uma boa vantagem da boa propaganda: como o tempo de propaganda é um pouquinho menor (só um pouquinho) do que o tempo utilizado pelos programas, então a família ganha um tempo maior para colocar a conversa em dia. Quem sabe assim os pais retomam o hábito salutar de conversarem com seus filhos, e os filhos até comecem a achar interessante conversar com seus pais e irmãos. Pois é, quem sabe....

O VELHO QUE NOS RENOVA

Quando olho para trás e busco lembranças sobre como cultivei ao longo de minha vida o gosto apurado pela leitura são muitas as imagens que me remetem às livrarias que comercializam livros usados, os afamados *sebos*. Quando ainda era estudante em Curitiba, tinha o hábito de ficar horas a fio selecionando livros em dois sebos, um localizado próximo à Praça Rui Barbosa, outro próximo ao Museu de Arte Contemporânea. Tinha um prazer especial em garimpar livros antigos, com páginas amareladas, algumas até já furadas por traças. Foi assim que adquiri, e guardo com destaque em minha biblioteca particular, dois livros de filosofia. O primeiro é "*Apologia de Sócrates*" de Platão; o segundo "*A ética de Nicômaco*" de Aristóteles. Ainda era aluno da Universidade Federal do Paraná quando adquiri "*Iniciação Filosófica*" datado de 1913, e também a segunda edição de "*Minas de Prata*", em papel bíblia, algo simplesmente maravilhoso.

Sempre que vou a São Paulo tenho como certa uma visita prolongada aos *sebos* da Praça da Sé. Ali dou especial atenção à Livraria do Messias, onde ainda nestas férias tive oportunidade de adquirir vários livros de crônicas de Machado de Assis datados de 1957, e "*Memória Póstumas de Braz Cubas*" na sua edição de 1938. Foi também nos *sebos* da capital paulista que adquiri diversos livros do meu autor preferido, William Shakespeare.

Não que eu desconsidere como atraentes livrarias tradicionais, como Época, Edir e Aladin, onde sempre que frequento sou muito bem atendido por seus proprietários. Não se trata de preferir uma em detrimento de outra. Em absoluto. Sou uma pessoa apaixonada pela leitura, e todos os ambientes que me oportunizam adquirir bons livros, são de meu agrado.

Acontece que estes livros velhos nos renovam. Quando pego em minhas mãos um livro de Platão que mal consigo folhear, porque suas páginas já estão ressequidas e quebradiças, é como se toda a história da humanidade fluísse para dentro do meu corpo através das pontas dos meus dedos, renovando meu espírito e minha sensibilidade. É o velho que nos renova, porque nos traz sabedoria, que nos faz ter consciência de que somos parte integrante de um processo grandioso, construído vagarosamente, com parcimônia e muito talento por milhares e milhares de pessoas ao longo de uma teia gigantesca - o tempo.

Aqui mesmo em Itajaí frequento com muita alegria o *sebo* do professor Beto, que recebe o sugestivo nome de *Casa Aberta*. Ficar ali diante de centenas de livros usados (?) me traz recordações do tempo em que subia a rua XV, andando por seu calçadão, lendo livros de filosofia. Eram criaturas frágeis, sensíveis e manuseá-las requeria arte, compreensão e muito amor. Suas páginas em movimento me propiciavam uma brisa, vinda de lugares mais distantes, trazendo toda a sabedoria do mundo.

Hoje, vivendo em um mundo onde tudo é descartável, onde as coisas ficam velhas antes mesmo de deixarem as prateleiras das grandes lojas de departamentos, é extraordinário perceber que existem muitas pessoas, que como eu, procuram estes livros com folhas amareladas e ressequidas pelo tempo como quem procura um tesouro perdido. Para nossa sorte esta "*Arca Perdida*" é hoje uma Casa Aberta.

ONDE ESTÁ MARIA FUMAÇA ?

Nasci e me criei no Bairro São João. Ali na rua Max, próximo ao Grêmio XXI de Julho e às madeiras Castelli e Madebil. Muito perto do trilho do trem, que sempre chegava apressado para descarregar madeira no porto, para depois poder descansar um pouquinho na estação final da Fazenda.

Naqueles tempos era considerada uma verdadeira arte prever com certa antecedência a aproximação da *Maria Fumaça*. Alguns, sempre os mais arrojados, chegavam a aproximar os ouvidos no trilho para em seguida exclamarem cheios de alegria e entusiasmo: "Agora não demora, ela está chegando!". Ela vinha lá das bandas do São Judas Tadeu e Parque Dom Bosco, cuspidando muita fumaça e apitando feito louca.

Minutos antes da *Maria Fumaça* passar a gurizada toda colocava pregos sobre o trilho para que fossem amassados e servissem para a confecção de facas, dardos e flechas (que nunca funcionavam). Depois que todo o comboio passava pelo nível da rua Blumenau, "lá íamos nós" com os pregos amassados nas mãos, comparando com os pregos dos companheiros. Equilibrando sobre o trilho e contando feitos.

Quando cursava o *Admissão* no Colégio Salesiano, acabei realizando o grande sonho de viajar de trem. O professor Cosme Busarello nos levou nas férias lá para os lados de Apiúna-Nova Trento - Ascurra. Foi uma viagem inesquecível, porque além de todo o encanto que uma coisa nova traz ainda conhecemos uma moça com seis dedos em uma das mãos. Dá de esquecer uma coisa dessa?

Ainda hoje a *Maria Fumaça* tem seus encantos para mim, porque lembro da mulher de seis dedos, do barulho que ouvia ao encostar o ouvido no trilho, do calor (às vezes insuportável) do prego amassado e até do medo que os adultos tentavam nos impor para que não nos aproximássemos demais do comboio em movimento.

Hoje me pergunto insistentemente: onde está *Maria Fumaça*? Pergunta que respondo mansamente: está guardada no cantinho mais aconchegante da minha mente. Ali onde a saudade é amiga fiel e as lembranças são companheiras de toda hora. Ali onde sou feliz para sempre, ao lembrar do apito da *Maria Fumaça* passando mais uma vez....

Se o passado é para sempre, que bom que fui feliz ouvindo o apito da *Maria Fumaça*, porque serei feliz para sempre ao recordar de tudo.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E OS RAUERT

O recente anúncio por parte do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico de que autorizou os herdeiros de Germano Rauert a derrubarem o Casarão da rua Brusque provocou as mais antagônicas reações no setor cultural da cidade. Particularmente, recebi a notícia com tranqüilidade, porque não esperava da Prefeitura outra decisão senão esta.

Um cidadão medianamente atento à política cultural praticada pelo atual governo há muito deve ter percebido seus contornos e objetivos. Por isso não lhe deve ter passado despercebido que, no que diz respeito ao patrimônio histórico, segue as seguintes diretrizes: a) preservar o máximo possível de imóveis localizados no núcleo inicial de urbanização (rua Lauro Muller/ Pedro Ferreira e Praça Félix Busso Asseburg – do Mercado Público); b) preservar os imóveis que já estão em poder da municipalidade (Casa da Cultura, Palácio Marcos Konder, igrejas e escolas); c) preservar imóveis doados pela iniciativa privada; d) dar prioridade à aquisição e preservação de imóveis diretamente vinculados à memória da elite político-econômica do município, centrada na família Konder.

Fora deste eixo norteador tudo o mais é descartável. Como o Casarão Rauert não está localizado na área inicial de urbanização e povoamento, nem foi habitado ou utilizado pela oligarquia e as famílias a ela diretamente relacionadas, ele foi marcado para morrer. Daí a minha serenidade ao receber a notícia, já que era uma "morte anunciada".

Fiquei indignado contudo, somente com a proposta da municipalidade de recolher algumas peças em madeira, para que seja possível uma posterior reconstrução do casarão em um outro local. Ora! Se há a possibilidade de, em um futuro próximo, haver dinheiro para fazer uma nova casa, porque não deixá-la ali onde está, cercada, guardada? Depois, uma réplica tem validade histórica? E por último: se existe a possibilidade de construir um novo casarão, seguindo o modelo deste, é porque ele tem validade como patrimônio histórico, não é mesmo? Por que a prefeitura reconstruiria um casarão sem qualquer valor? Parece óbvio demais.

Quando o Conselho resolveu preservar as partes de madeira do casarão aventando a possibilidade de reconstruí-lo em outro local, na verdade seus conselheiros disseram com todas as letras que o casarão é um patrimônio histórico. Tudo o mais fica por conta do *lobby* promovido pelas construtoras.

Como se vê o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico foi coerente com sua política, mas incoerente com os interesses da comunidade. Deve à sociedade, portanto, explicações. Não basta um *release* enviado à imprensa. Deste jeito parece que a história de Itajaí resume-se às cercanias da rua Lauro Muller e as pessoas que interessam na cidade estão restritas ao "grupo dos vinte". De resto nada é história. Nada é relevante.

Parece até que a memória de Itajaí coincide com a memória dos Konder.

PERDENDO E GANHANDO

O futebol brasileiro vem experimentando uma forte crise desde o final da Copa do Mundo da França. A camisa amarela já não amedronta mais ninguém, e times que estavam habituados a perder de dez a zero para a “seleção canarinho” agora entram em campo querendo vencer, e pior, acabam alcançando com relativa facilidade este objetivo. Por outro lado, esportes variados como o volei (de quadra e praia), natação, atletismo, futsal, futebol de praia, tênis, conseguem cada vez mais títulos em nível mundial.

Mas, será que podemos tirar alguma coisa de positivo desta crise que está tirando do Brasil o título de “País do futebol”? Considero que sim. Na medida em que o futebol brasileiro vai encontrando dificuldades para manter sua hegemonia em campo, está propiciando que todo o país comece a refletir sobre sua própria identidade cultural e política. Qual seja: o futebol era nossa vitrine, nossa identidade como povo e nação. Éramos tão somente uma “pátria de chuteiras”, nada mais.

Nossos cartolas eram inquestionáveis. Enquanto nossos atletas eram aclamados como ídolos nos estádios, recebiam um tratamento dos dirigentes muito próximo às leis da senzala (lei do passe). O Brasil era um país “gigante pela própria natureza” mas que dependia apenas de uma modalidade esportiva. Mentalidade única, cultura única. Agora, ao questionarmos a maneira como a CBF vem administrando o nosso futebol (CPI da Nike, etc) estamos também aprendendo a questionar nossos valores e até aprendendo a refazer nossa imagem enquanto povo e nação.

O Brasil já não precisa do futebol de campo para ser reconhecido no mundo dos esportes. Temos Guga, por exemplo, que virou nosso embaixador pelos quatro cantos do mundo; temos uma seleção de futebol de salão simplesmente imbatível, outra de futebol de praia que ainda insiste em jogar o futebol-arte; temos o volei (masculino e feminino), campeões do mundo. Isso mesmo, somos campeões do mundo, no volei e no futebol de salão.

Portanto, a crise do futebol brasileiro, ao contrário do que alguns pensam, não tem resultados apenas negativos para o Brasil. Muito pelo contrário. Esta crise instaurada no futebol, está levando o Brasil a se ver cara-a-cara com sua realidade, com suas mazelas. Estamos conseguindo ver nossos problemas, colocar nossos cartolas nos bancos dos réus. Melhor ainda, estamos aprendendo a não deixar a sujeira ser colocada sempre para debaixo do tapete. Estamos aprendendo a jogar limpo e a curtir a diversidade.

Por tudo isto, a crise do futebol nos remete à construção de um país melhor. Toda unanimidade é burra. E o Brasil está deixando de ser um país burro ao perceber que existem novas possibilidades no que diz respeito às práticas esportivas.

PESSOAS E PALAVRAS

Você alguma vez já se perguntou onde aprendeu determinadas palavras? Pois é, eu às vezes relaciono as palavras com autores de livros que li, ou pessoas com as quais conversei. É o caso da palavra *plutocrata* (*pessoa influente e preponderante pelo seu dinheiro...*) que aprendi no livro *O Profeta* de Khalil Gibran Khalil; de *Magnânimo* (*que tem grandeza de alma; próprio da alma nobre e generosa*) do livro *A Ética* de Nicômaco de Aristóteles; *estio* (*verão*) do livro *O Código das Águas* de Lindolfo Bell, e assim por diante.

Mas, às vezes quando me vejo conversando com uma pessoa que me ensinou uma palavra, vem à mente a cena daquele momento de aprendizado, e a pessoa passa a ser identificada por mim mais por esta palavra que me ensinou do que por seu próprio nome.

Uma vez estava participando de uma solenidade na Casa da Cultura e o acadêmico Édison d'Ávila falou-me a palavra *idiossincrasia*. Falou uma vez, duas, três... e mesmo não sabendo seu significado, me apaixonei pela palavra, por sua sonoridade, etc. Em casa, corri ao dicionário e lá estava *idiossincrasia* (*disposição do temperamento do indivíduo, que o faz reagir de maneira muito pessoal à ação dos agentes externos. Maneira de ver, sentir, reagir, própria de cada pessoa*). Fiquei ainda mais apaixonado porque além de sonora, tinha um significado extraordinário. Imediatamente incorporei a palavra ao meu vocabulário do dia-a-dia.

Uma vez o jornalista Ivan Rupp Bittencourt escreveu no jornal *Caleidoscópio* a palavra *melífluo* corri para o dicionário e novamente a paixão se confirmava. *Melífluo* (*que flui como o mel. De voz e/ou maneiras brandas ou doces*). O mesmo aconteceu quando da posse na Academia Desterrense de Letras do escritor Artêmio Zanon. No seu discurso Artêmio utilizou a palavra *estro*. Anotei em um pequeno pedaço de papel e depois consultei o dicionário: *estro* (*engenho poético; imaginação criadora, inspiração...*). simplesmente linda!

Assim, portanto, Édison d'Ávila me parece idiossincrasia, Ivan Raupp Bittencourt é melífluo e Artêmio Zanon é estro. Pessoas são palavras, e a vida é um dicionário aberto esperando a luz de nossos olhos.

POLÍTICOS E SABONETES

As eleições de 1998 evidenciaram o absoluto controle que os homens de marketing (marqueteiros) possuem sobre os candidatos, os partidos e a própria sociedade. Utilizando dos mesmos recursos técnicos que servem para promover os mais variados produtos nos meios de comunicação de massa (TV, Rádio, Jornal, Revista, Internet...), os homens de marketing não possuem o menor escrúpulo e dispensam aos políticos o mesmo tratamento dado a um produto de consumo de massa. O político nas suas mãos passa a ser uma coisa disforme, sem idéias, cor, forma ou personalidade. Tudo isso será decidido após uma pesquisa de opinião. Dependendo da pesquisa o político vai pensar de um jeito, vestir-se de outro....em síntese, virou um sabonete nas mãos dos especialistas do marketing.

A partir desta constatação é que podemos considerar como fundamental para o desenvolvimento da democracia brasileira a idéia de se promover uma grande e original reforma eleitoral e política. Não é mais concebível que se faça política nos mesmos termos que se comercializa nas esquinas da vida, tendo o voto e o candidato como objeto de escambo.

A primeira idéia seria proibir a veiculação de peças publicitárias que não possuíssem idéias acerca de algo de interesse público. Quer dizer, a publicidade não poderia vender político, mas somente suas idéias, conceitos, valores, propostas administrativas. Desta forma os meios de comunicação constituiriam um verdadeiro instrumento social a serviço da comunidade.

Como primeira consequência da proibição de vender político como sabonete teríamos o retorno do debate público á vida política. No staff dos candidatos no lugar de marqueteiros teríamos a volta de sociólogos, educadores, administradores, empresários, líderes classistas. Para que a verdadeira política volte a florescer na jovem e combalida democracia brasileira é necessário jogar os marqueteiros e suas técnicas de vender sabonetes na lata do lixo. Pois uma coisa é certa: ou o discurso político volta para o controle da sociedade civil organizada e seus intelectuais, ou a democracia tende a exaurir-se , acabando melancolicamente sob a lona de um circo.

A justiça eleitoral, em conjunto com a sociedade civil organizada, deveria promover debates públicos com os candidatos, tirando o controle que as grandes redes de televisão possuem sobre esses tipos de eventos. As redes promovem debates como se estivessem transmitindo um jogo de futebol ou uma luta de box. Para eles a política é mais um produto, e os debates apenas mais um programa a ser comercializado. Na democracia televisiva tudo é produto, e como tal está a venda. Nisso temos muito o que aprender com os antigos gregos. Seria interessante que os homens que pensam o nosso sistema político olhassem um pouco o que a história tem para nos dizer.

A democracia merece que a praticamos com sabedoria. Um bom começo para isso seria não tratar a política como escambo e os políticos como simples sabonetes, apesar deles adorarem tudo isso.

POR QUE NÃO JOGO NA LOTERIA?

Muitos amigos vivem jogando na loteria com a esperança, sempre renovada, de ficarem milionários do dia para a noite, sem fazer força. Se soubessem o risco que estão correndo, não gastariam de forma tão desavisada seus poucos cruzados. Eu de minha parte, tomei a providência de nunca apostar em jogos que dão prêmios milionários. É que não consigo conviver com a idéia de que de um dia para outro corro o risco de ficar muito rico. Se esta possibilidade já me causa estresse, imaginem se vier de fato a ficar rico: seria o caos!

Fico imaginando como seria a minha vida de rico:

1) meus inimigos passariam a me bajular – já pensou uma pessoa séria, honesta, sem inimigos? Meu Deus, que tédio!

2) as mulheres jovens e bonitas passariam a me olhar – e eu que passei anônimo pela maioria absoluta delas, será que suportaria tantos olhares e até a fama de ser “sexy e atraente”?

3) por outro lado, todos os homens também olhariam para a minha mulher, afinal de contas ela seria dona da metade da minha fortuna, não é mesmo?

4) teria de contratar um contador, um advogado

Meus Deus! Pensar em ficar rico me deixa tão estressado que sequer tenho condições psicológicas de continuar a escrever este artigo....

Tchau!

QUAL O NOME ?

Triste sina esta dos homens famosos que ao morrerem emprestam seus nomes às grandes obras públicas. Os governantes, ciosos por prestar suas homenagens a homens que admiram, esquecem de perguntar ao povo sua opinião. Acaba dando nisso, nomes ilustres no papel fazendo sombra aos nomes populares que freqüentam todas as bocas do *Zé povinho*. É mesmo uma forma muito clara de rebeldia popular. Assim fica dito quem manda de verdade. O povo é sempre quem dá a última palavra, mesmo que seu murmúrio não chegue a ser ouvido no segundo andar do palácio Marcos Konder - que por sinal o povo chama de prédio da antiga Prefeitura.

Pelo viés da rebeldia popular a avenida Adolfo Konder passa a se chamar rua Silva; a avenida ministro Victor Konder é a Beira-rio; a avenida Abrão João Francisco é Contorno-Sul. Um pouco pior ficou para Irineu Bornhausen que acabou sendo castigado duplamente. Enquanto a avenida que leva seu nome foi rebatizada de *Caninana*, a praça em frente à igreja matriz é lembrada apenas e simplesmente como a *Praça da Matriz*. Assim, o Hospital e Maternidade Marieta Konder Bornhausen é lembrado apenas como o *Marieta* (sem qualquer sobrenome) e o teatro Adelaide Konder é conhecido como *Teatro da Univali*.

Parece que a imagem da oligarquia Konder Bornhausen foi salva mesmo por Marcos Konder, que se por um lado não teve seu nome reconhecido para designar o prédio que abriga a Câmara de Vereadores (afinal o prédio é conhecido nos círculos populares como prédio da Câmara, prédio do museu ou prédio da antiga Prefeitura, mas nunca palácio Marcos Konder) pelo menos tem seu nome mantido na principal avenida do centro da cidade, esta sim reconhecida oficialmente e pelo povo como avenida Marcos Konder.

Ao dar seus próprios nomes ou apelidos a ruas, avenidas, praças e prédios públicos, o povo está sendo ingrato, atrevido ou soberano? Acho que um pouco de cada uma dessas coisas. O povo é mesmo ingrato e atrevido. Mas, tenho certeza também de que nunca deixou de ser soberano. Sua vontade cedo ou tarde prevalece e sua memória não esquece, no máximo dissimula.

Por falar nisso, você sabe qual é o nome oficial da *estrada de Cabeçadas*? E da estrada geral da Praia Brava? Você por acaso já ouviu falar no conjunto habitacional Juscelino Kubitschek de Oliveira? Qual é o nome ilustre que está cravado na placa da *ponte de Cordeiros*? Mesmo que o nome seja lembrado o povo é danado e não deixa nada barato. Como prova disso basta inverter a pergunta nos seguintes termos: você sabe quem foram Pedro Ferreira e Lauro Muller? Hercílio Luz e João Bauer?

Podemos constatar que em melhor situação ficaram os ilustres de Balneário Camboriú que esquecidos ou preservados tiveram seus nomes preteridos por números. Simples números. Dos males o menor.

QUANTOS ?

A compra de um novo aparelho celular, por incrível que isto possa parecer, me fez mergulhar em um estado de profunda inquietação. Vou explicar para vocês como a compra de um aparelho celular pode levar uma pessoa a meditar seriamente sobre questões existenciais, concluindo que a compra de um celular é um ato extremamente filosófico.

É que o meu antigo aparelho tinha uma memória que me possibilitava guardar apenas vinte números. Quando comprei este aparelho, tive de estruturar todo um código de ética para determinar quem mereceria ou não estar incluído nesta lista. Para minha satisfação pessoal, ao tentar colocar os nomes de meus conhecidos na memória do celular percebi que o número de amigos era maior do que sua memória. Fiquei de certa forma com o ego um pouquinho mais fortalecido...

Agora, ao comprar um novo aparelho, quando fui ler seu manual deparei-me com o mesmo dilema, como colocar os números dos telefones de meus conhecidos na memória; mas, também deparei com um grande problema, que acabou me levando quase à depressão. É que este aparelho, ao contrário do outro, tinha sua memória ampliada, sendo que era possível agendar noventa e nove números, com os nomes dos seus respectivos titulares. Se no primeiro caso fiquei orgulhoso de mim por ter um número suficiente de amigos que podia colocar na memória do aparelho; no segundo, fiquei perplexo ao perceber que não tenho no meu rol de amigos noventa e nove pessoas que merecem ser incluídas na memória de um aparelho eletrônico.

Peguei todas as minhas agendas, minhas anotações, pessoas que algum dia, mesmo que por motivos fúteis me entregaram seus cartões de apresentação, e ainda estava eu no número 59. Onde arranjar 40 números de telefones? A minha auto-estima foi baixando na mesma proporção em que aumentava a dificuldade para completar o número aceito pela memória do dito aparelho. Cheguei ao ponto de esquecer que a lista que estava fazendo era para o celular e acabei levando para um lado mais filosófico: e se esta fosse a lista de pessoas que eu gostaria que estivesse no meu enterro? Será que ali estariam 99 pessoas? De primeira veio a frase do *Pequeno Príncipe* "você é eternamente responsável por quem cativas". Mas, como? Então quer dizer que eu, após 40 anos ainda não cativei gente suficiente para encher uma memória eletrônica?

Zangado quase joguei o aparelho contra a parede. Desisti por motivos óbvios. Afinal, não era um ato nada prático. Busquei desesperadamente várias saídas para o dilema. Pois, agora

tornou-se uma questão de honra ocupar os 99 pontos de memória do dito aparelho. Já estava quase com dor de cabeça quando tive uma idéia luminosa: colocar também os números dos telefones dos inimigos e adversários. Pronto! Questão solucionada. Agora estava completamente satisfeito. Meu ego agora estava voltando ao seu normal. Conseguira listar 99 pessoas que amava ou odiava, admirava ou detestava, simpatizava ou repudiava. Inimigos e amigos, todos juntos em uma lista.

Preferi assim do que conviver diariamente com a triste lembrança de que ainda não havia cativado 99 pessoas. Agora fica dito: prefiro que me amem, mas antes que sejam indiferentes para com minha pessoa, então prefiro que me odeiem. Assim posso ter uma agenda cheia de números e nomes, indicando que provavelmente meu enterro não será monótono, fazendo justiça à minha vida, que felizmente não tem sido nada monótona.

QUEM FALA?

Estamos em plena *Era dos Direitos*. Isto significa dizer que chegamos a um estágio civilizatório onde todos os seres vivos passam a receber da sociedade *Garantias Fundamentais*, como o direito à vida, por exemplo. Os direitos foram gradativamente sendo ampliados ao longo do século XX, de tal sorte que sua institucionalização como prática cotidiana passou a beneficiar cada vez mais pessoas, atingindo inclusive os animais, as plantas e todo o patrimônio natural e cultural. Hoje já não é mais possível matar passarinhos por diversão, cortar uma árvore para fazer lenha, bater nos filhos com vara de *chorão* de sorte a deixá-los com o corpo marcado, ou aplicar nos alunos a palmatória.

Este é o maior benefício da onda democrática que varreu o mundo neste final de século e milênio. Todos seres vivos, indistintamente, passaram a ser vistos, na prática, como seres de direitos. Contudo, as pessoas não foram devidamente educadas para o exercício consciente da sua plena cidadania. Por isso mesmo, não são poucos os desvios que encontramos nesta área. Simplesmente a maioria das pessoas não sabe como usufruir de forma correta dos seus direitos, levando à práticas completamente distorcidas.

Podemos usar como exemplo dessa falta de educação, ou cultura para a cidadania, o conceito que as pessoas têm sobre democracia. Na escola, por exemplo, os alunos exigem que o professor cale a boca porque eles também querem falar. A democracia na sala de aula acaba transformando a escola em um programa de auditório, onde o professor cai na armadilha do populismo. As aulas dadas com maestria, por um intelectual que pensa a realidade à sua volta dá lugar a debates estéreis que saem do nada e chegam a lugar nenhum.

Isso tudo porque a maioria dos alunos tem uma compreensão equivocada da democracia, e acaba entendendo que ganhou o direito de falar, não importando o quê. Todos agora possuem o direito inalienável a um minuto de fama. E é justamente esta prática equivocada, copiada da televisão, que está fazendo o ensino baixar de nível e nossa democracia ser primária e ridícula do jeito que é.

Sobre o direito à fala, ao discurso, é bom colocar alguns pontos fundamentais sobre a questão. E o mais importante entre eles é de que realmente todos, indistintamente, possuem o direito à vez e voz. Mas, também, possuem o dever de se credenciar a exercer tal direito. Quer dizer, não basta cobrar da sociedade que ouça seus cidadãos, antes estes mesmos cidadãos têm de

tomar consciência de que possuem o compromisso moral de preparar o discurso. Não podem falar por falar, mas falar com o objetivo de efetivamente contribuir com o grupo, na tarefa comum de construir uma sociedade melhor, mais justa e equilibrada.

Podemos anotar dois tipos de cidadão quanto ao exercício do direito ao discurso: a) os que *calam*; b) os que *falam*. Entre os que *calam*, encontramos dois tipos bem distintos: a) *Silenciosos* – aqueles que optam por ficar em silêncio, por interesse, temperamento, ou até mesmo por ter consciência de que naquele momento não têm uma contribuição significativa para dar ao grupo. Estas pessoas devem ser estimuladas a participar mais, sempre de acordo com o interesse social; b) *Silenciados* – aqueles que são impedidos de falar. São obrigados a ficar quietos porque uma força externa os impede de exercer o seu direito ao discurso social – ocorre durante os regimes autoritários e pela tradicional censura aos meios de comunicação. Neste caso, o educador tem a obrigação de mostrar caminhos alternativos ao educando, e neste ponto vale o exemplo de um Machado de Assis, que para defender idéias abolicionistas utilizou uma meia-dúzia de pseudônimos. As alternativas existem, e é dever do educador encontrá-las e repassar a seus alunos. Afinal, não é possível existir cidadania sem livre expressão do pensamento, e sequer cidadão sem discurso próprio.

Entre os que *falam* também temos dois tipos bem distintos: a) *Tagarelas* – aqueles que falam por falar. Pensam pouco, falam muito. Geralmente são pessoas viciadas em falar, que não aprenderam a ouvir os outros (o que pode evidenciar um certo desequilíbrio emocional). São mestres de botequim. Falam sempre, falam muito, mas não se dão ao trabalho de pensar. Por isso mesmo, sempre falam demais. São pessoas preguiçosas, acomodadas, sem auto-crítica, que têm preguiça de ler um livro ou de debater com um pouco mais de profundidade um determinado tema de interesse coletivo. Falam de forma superficial e não saem do campo do *Senso Comum*, reproduzindo idéias distorcidas como se fossem verdades absolutas.

b) *Credenciados* – são aqueles cidadãos que se empenharam intelectualmente para falar. Portanto, se credenciaram para falar aos seus pares. Pesquisaram, estudaram, observaram a realidade a sua volta, interviram no processo social participando de causas comunitárias. Atuaram como *Agentes Sociais* e conquistaram, pela ação ou estudo, o direito de falar e o privilégio de serem ouvidos.

Assim, podemos dizer que aquele que quer ter o direito à fala, tem o compromisso de pensar e agir, ser um *Ator Social*, um cidadão de fato. E é este cidadão verdadeiro, atuante, dono de um discurso pensado e vivenciado no dia-a-dia de sua comunidade que nós educadores temos

a missão de ajudar a formar. Não basta dar ao educando o direito de falar, temos de educá-lo no sentido de que venha a construir um discurso a partir de sua própria interferência e atuação junto ao seu grupo e meio social.

O resto é tagarelice e conversa jogada fora. Com tagarelice e preguiça de pensar e agir socialmente não vamos adentrar no mundo da democracia, mas no mundo do *achismo* e do *oba-oba*. Um mundo vazio, tal qual os programas de televisão no domingo a tarde.

As palavras brotam fácil nas bocas dos irresponsáveis e inseqüentes. Por isso mesmo, muitos educadores estão formando tagarelas, quando deveriam criar cidadãos oradores, como já nos ensinou a cultura clássica. Precisamos formar um povo de oradores, cidadãos de discurso. Discurso comprometido, engajado. Discurso de quem pensa o melhor para todos, inclusive para si mesmo.

A sociedade agradece!

SAUDADES

O bom de se fazer algo é depois poder contar. Muitos passaram mais de duas décadas de ditadura simplesmente omissos. Agora, sem terem o que recordar, inventam feitos e fatos para terem direito à saudade.

Quem não vive perde o direito de no futuro recordar, e no mínimo vai ter de mentir um pouquinho a cada dia para justificar sua longa existência. Afinal, só posso ter saudades daquilo que vivi intensamente.

Outra coisa é a inveja de alguns jovens, que ao ouvir nossos lamentos sobre os tempos duros que vivemos sob o império do arbítrio da ditadura, ficam com os olhos brilhando... como que lastimando a falta de sorte de não terem nascido em tempos mais movimentados, emocionantes.

Não deixa de ser uma inveja positiva. Afinal, ela desnuda a triste realidade em que esta juventude do final dos anos noventa se encontra: a de não ter uma boa causa para lutar. Nossa geração lutou todas as batalhas e aos jovens de hoje legou tempos de tranqüilidade ... e tédio. A cortina fechou anunciando o final de mais um ato da história, e nossos jovens ficaram sem poder ver ou viver a guerra-fria, o movimento Hyppie, a luta contra a ditadura e a militância ingênua nos primeiros tempos do Manda-Brasa, a liberação sexual ...

Esse sentimento de inutilidade, contudo, não corresponde completamente à realidade. Há uma causa que os jovens herdaram, mas que não conseguem ver: a construção efetiva de um país democrático, cujo povo é cidadão.

Esta é a batalha das batalhas, que há muito faz corpos tombarem inertes pelos campos minados do mundo; obras serem censuradas; pessoas presas, exiladas, torturadas e mortas. A batalha das batalhas esteve presente em tudo que fizemos ao longo dos milhares de anos que construímos a civilização. Pena que esta juventude não consegue se ver como combatente.

Tristes tempos estes em que o tédio dá-se por cegueira coletiva.

SHAKESPEARE ESTÁ NA MODA

Somente agora, quando visualizamos um novo século e um novo milênio, parece que o Brasil descobriu a genialidade de William Shakespeare. Para se ter uma idéia dessa tomada de consciência, a edição de 10 de março de 1999 da revista *Veja* cita quarenta vezes o seu nome e apresenta em matérias diferentes duas fotos do autor inglês. Até na entrevista que o ator Mel Gibson concede nas páginas amarelas, Shakespeare é citado. Mas, tudo indica que isso é apenas o começo de uma verdadeira febre. Shakespeare há muito vem sendo apontado como o autor do milênio por críticos literários do mundo inteiro, e a indústria da cultura de massa se preparou para explorar essa boa reputação.

Este mês entra em exibição, em circuito nacional, o filme *Shakespeare apaixonado*, uma comédia que foi indicada para concorrer ao *Oscar* em treze categorias, incluindo aí o prêmio de melhor filme. O sucesso do filme deve levar as pessoas às livrarias para adquirirem, além da obra do próprio Shakespeare, pelo menos dois novos livros que estão fazendo muito sucesso nos Estados Unidos, e que deverão ter boa acolhida do público também no Brasil. Trata-se da biografia *Shakespeare: a life*, de autoria de Park Honan; e *Shakespeare: a invenção do humano*, do crítico de artes Harold Bloom, que frequenta a lista dos livros mais vendidos nos Estados Unidos há algumas semanas.

O livro de Harold Bloom defende uma tese sobre Shakespeare no mínimo instigante, para não dizer exagerada: *"Shakespeare teve mais importância para o pensamento dessa parte do mundo [ocidental] do que qualquer filósofo. Isso se deve [...] ao fato de ele ter colocado no papel, pela primeira vez, personagens movidos apenas por motivações humanas, sem necessidades de prestar contas a nenhum deus. A obra prima shakesperiana, Hamlet, estaria na raiz tanto do iluminismo quanto da psicanálise, criada por Freud. Dessa forma, superaria até mesmo o alcance da Bíblia"*. (*Revista Veja*)

Exageros a parte, a obra de Shakespeare realmente serviu de referência para muitos autores renomados, entre estes Victor Hugo e Karl Marx. Victor Hugo chegou a ensaiar a confecção de uma biografia sobre Shakespeare; enquanto que a admiração que o pai do Materialismo Histórico e Dialético nutria pela obra do escritor inglês o impulsionava a recitar versos de Hamlet como se fossem cantigas de ninar para seus filhos. Marx, Freud, Victor Hugo, os iluministas e tantos outros gênios que leram Shakespeare ao longo desses séculos, viram nele o que o seu contemporâneo Ben Jonson já havia identificado com muita nitidez: "Shakespeare não era de uma época, mas para todos os tempos".

De minha parte, há muito venho cultivando o hábito de ler e reler Shakespeare, desde os tempos em que subia o calçadão da rua XV, em Curitiba, para estudar na Federal do Paraná. Por este motivo concedo-me o direito de discordar de Harold Bloom sobre qual seria a mais espetacular das obras do autor inglês. Fico entre *O mercador de Veneza* e *O rei Lear*. Ou melhor, fico com todas, porque uma completa a outra. Shakespeare é genial em cada obra e por isso é ainda mais genial no conjunto da obra.

SHAKESPEARE

Se existe uma unanimidade no mundo das letras, essa unanimidade chama-se William Shakespeare. Praticamente todos os grandes críticos literários desse século, ao promoverem uma lista das melhores obras do milênio, incluem mais de uma peça do autor inglês. Como uma pessoa que há muito aprendeu a dar valor à leitura de um bom livro, também não pude deixar de me envolver por esta obra maravilhosa, e se me fosse pedida uma lista das melhores obras que já li na vida, a nominata na certa começaria com o *Mercador de Veneza* e não deixaria de incluir *Coriolano*, *A tempestade*, *O rei Lear*, *Otelo*, *Hamlet* e *A comédia dos erros*.

Infelizmente essa unanimidade que Shakespeare encontra no mundo literário dos países desenvolvidos, não tem correspondência aqui no Brasil. É praticamente impossível você conseguir localizar uma escola que acesse a obra de Shakespeare às nossas crianças. Seus livros também estão distantes das prateleiras de todas as bibliotecas e sua obra, temo, chega a ser até incompreensíveis para a maioria absoluta do público brasileiro. E diante desse quadro, nossos críticos e intelectuais por comodismo preferem apenas esquecer que um dia alguém escreveu *O Mercador de Veneza*.

O fato de Shakespeare ser lembrado como o grande mestre da literatura mundial, apesar de não ter nascido nobre, cursado universidade, estudado teoria literária, e até ter cuidado dos cavalos dos nobres que frequentavam os teatros da época, não deixa de nos trazer questionamentos e uma certa inquietação. O principal questionamento que faço é: como pode uma obra literária sobreviver aos modismos que encharcam a modernidade de mediocridade e futilidade? Quem melhor responde a estas indagações é um artista contemporâneo de Shakespeare, Ben Jonson: "Shakespeare não era de uma época, mas para todos os tempos". Ou seja, ele é universal.

Já em *O Mercador de Veneza*, Shakespeare defende com maestria temas polêmicos como os *DIREITOS HUMANOS* e até os *DIREITOS DAS MULHERES*. Em uma época marcada pela discriminação religiosa, a defesa do judeu veneziano Shylock é emblemática: "*Eu sou judeu. Não tem um judeu olhos?Mãos, órgãos, sentidos, afetos, paixões?.. alimentado pelos mesmos alimentos, ferido com as mesmas armas, curado pelos mesmos remédios?... Aquecido e esfriado pelo mesmo verão e inverno, como um cristão?*". E para deixar a obra ainda mais instigante e inovadora, Shakespeare dá à jovem Portia, esposa de Antoni (o mercador de Veneza) um papel de destaque no desfecho de toda a trama. Apresenta ao público, não uma mulher sedutora ou submissa, padrões da época, mas uma mulher inteligente, com espírito de iniciativa e poder de argumentação, capacidades, na época, consideradas próprias apenas dos homens.

Falo desta obra com mais entusiasmo porque entendo que a maior injustiça que se faz à Shakespeare aqui no Brasil nem vem do silêncio cúmplice nascido da ignorância de nossos intelectuais. Pior, muito pior, a maior injustiça é identificar Shakespeare como autor de uma obra só, *Romeu e Julieta*. Não que eu não goste da trama desenvolvida em *Romeu e Julieta*, em absoluto. Apenas não considero o seu melhor trabalho. Antes indicaria *A tempestade*, *Coriolano*, *Otelo*, *Hamlet*, *O Rei Lear*, *Macbeth*, *Bem Está o Que Bem Acaba*, *Muito Barulho Por Nada*, *As Alegres Comadres...*

VESTIBULAR

No final do ano de 2001 a educação brasileira frequentou as manchetes dos jornais por diversas vezes. Algumas matérias mostravam estatísticas internacionais colocando o sistema educacional brasileiro em último lugar, outras simplesmente denunciavam a façanha de um semi-analfabeto, Severino da Silva, de passar em nono lugar no vestibular de Direito da Universidade Estácio de Sá e no vestibular de Letras da Universidade Gama Filho. Mas, o que estas manchetes possuem em comum? O que Severino da Silva tem a ver com o fato do estudante brasileiro saber ler sem entender o que está lendo?

A primeira manchete anunciava que o Brasil foi classificado em último lugar no PISA – Programa Internacional de Avaliação de Alunos. Promovido pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico em trinta e dois países, o Programa classificou o Brasil atrás de México, Letônia, Portugal, República Tcheca, Coréia do Sul, etc. Segundo constatou Cláudio de Moura Castro: “*A escola, tanto de rico quanto de pobre, não está ensinando seus alunos a ler um texto escrito e a tirar dele as conclusões e reflexões logicamente permitidas*”. (Folha de São Paulo, 05 de dezembro, 2001).

A Segunda manchete diz respeito a uma pesquisa promovida pelo IBOPE medindo “os hábitos e capacidade de leitura e de escrita da parcela alfabetizada da população brasileira”. Segundo ficou constatado quarenta e um por cento dos brasileiros “*não têm o costume de escrever*”, trinta e sete por cento “*não lêem no seu ambiente de trabalho*”. Mais grave: trinta e quatro por cento dos alfabetizados conseguem apenas compreender textos curtos e anúncios, trinta e sete por cento conseguem também “*ler e compreender textos um pouco mais extensos, como pequenas reportagens de jornal*”, e apenas vinte e nove por cento de nossos alfabetizados “*são capazes de ler e compreender textos longos, conseguem realizar inferências e estabelecer relações entre os diversos elementos, como títulos e subtítulos*”. (Veja, dezembro de 2001)

Depois temos as manchetes que davam conta da mais longa greve já promovida por funcionários e professores das Universidades Federais, que nocauteou a candidatura à presidência da República do ministro Paulo Renato e evidenciou a estratégia neoliberal de sucateamento das universidades federais visando possibilitar a privatização do ensino superior no Brasil. Ato contínuo, a Rede Globo de Televisão mostrou em horário nobre a façanha de Severino da Silva, um operário semi-analfabeto que cursou vestibular para entrar em três universidades, conseguindo passar em dois. Para demonstrar que não se tratava de pura coincidência, em uma dessas provas (na Universidade Gama Filho – a maior universidade particular do Brasil com cerca de noventa mil alunos) Severino da Silva fez o vestibular acompanhado de uma amiga também semi-alfabetizada. Conclusão: os dois passaram no vestibular para o curso de Letras da Gama Filho.

Parece evidente que a educação brasileira se tornou refém da lógica do vestibular. De um sistema que foi montado para selecionar os melhores alunos que pretendiam frequentar o ensino superior (uma idéia que por si só já é ridícula), o vestibular acabou se transformando em um instrumento anacrônico, que atentou contra todo o ensino nacional, quer superior, quer de primeiro e segundo graus. Ao ensino superior fez o desfavor de não selecionar adequadamente seus alunos, cometendo injustiças com todas aquelas pessoas que não possuíam capacidade financeira para pagar cursinhos caros e uma boa capacidade de memorizar fórmulas e macetes; ao primeiro e segundo graus cometeu a injustiça de transformá-los em cursinhos preparatórios para o vestibular, tirando desses níveis a tarefa fundamental de ensinar o aluno a pensar e de atuar como cidadão.

O ensino brasileiro, portanto, passou a ser visto pela lógica única do vestibular. No primeiro e segundo graus a obrigação era de se voltar para uma formação do educando que lhe desse condições de passar no vestibular. Ao passar no vestibular, parecia que o mundo se descortinava para a elite intelectual brasileira, porque uma vez dentro da universidade, sair com um diploma passava a ser uma questão de tempo. Assim o vestibular inverteu o funil da seleção: poucos entravam, e destes que entravam, todos saíam.

Acredito que deveria ser proposto um sistema inverso. Todos deveriam entrar na universidade através de um sistema de acesso imediato, como ocorre entre o primeiro e segundo grau. Ninguém precisa fazer um vestibular para entrar no segundo grau. Assim, se uma pessoa desejasse fazer medicina, estaria automaticamente inscrito no curso de Medicina. A entrada deveria ser facilitada na mesma intensidade em que a saída fosse sendo dificultada em termos de nível de aprendizagem. Com um critério realmente sério de avaliação (nunca individual, feita apenas pelo professor responsável pela disciplina em sala de aula) o sistema de ensino superior teria condições de atestar, ao final de uma jornada acadêmica, que um aluno realmente está pronto para exercer uma determinada atividade técnica. De quinhentos que entraram, um recebeu o diploma. Agora, todos tiveram acesso democrático ao ensino superior, e sua capacidade intelectual não foi medida por mecanismos que privilegiam tão somente a memória e a sorte.

E quando falo isso trago na memória a história de Castro Alves que não passou no primeiro exame para entrar na Faculdade de Direito do Recife porque não tinha conhecimento suficiente de Geometria. O que os doutores esperavam que Castro Alves aplicasse de Geometria durante o exercício da profissão de advogado realmente sempre me foi uma incógnita.

Abaixo o vestibular! Queremos de volta a inteligência e a capacidade de pensar!